

Dragões

Mensal | 3€ | Ano 32
N.º 369
AGOSTO 2017

CRONOLOGIA
A PRÉ-ÉPOCA DIA APÓS DIA

RICARDO PEREIRA, DOIS ANOS DEPOIS

“HÁ ALGO DIFERENTE PARA MELHOR”

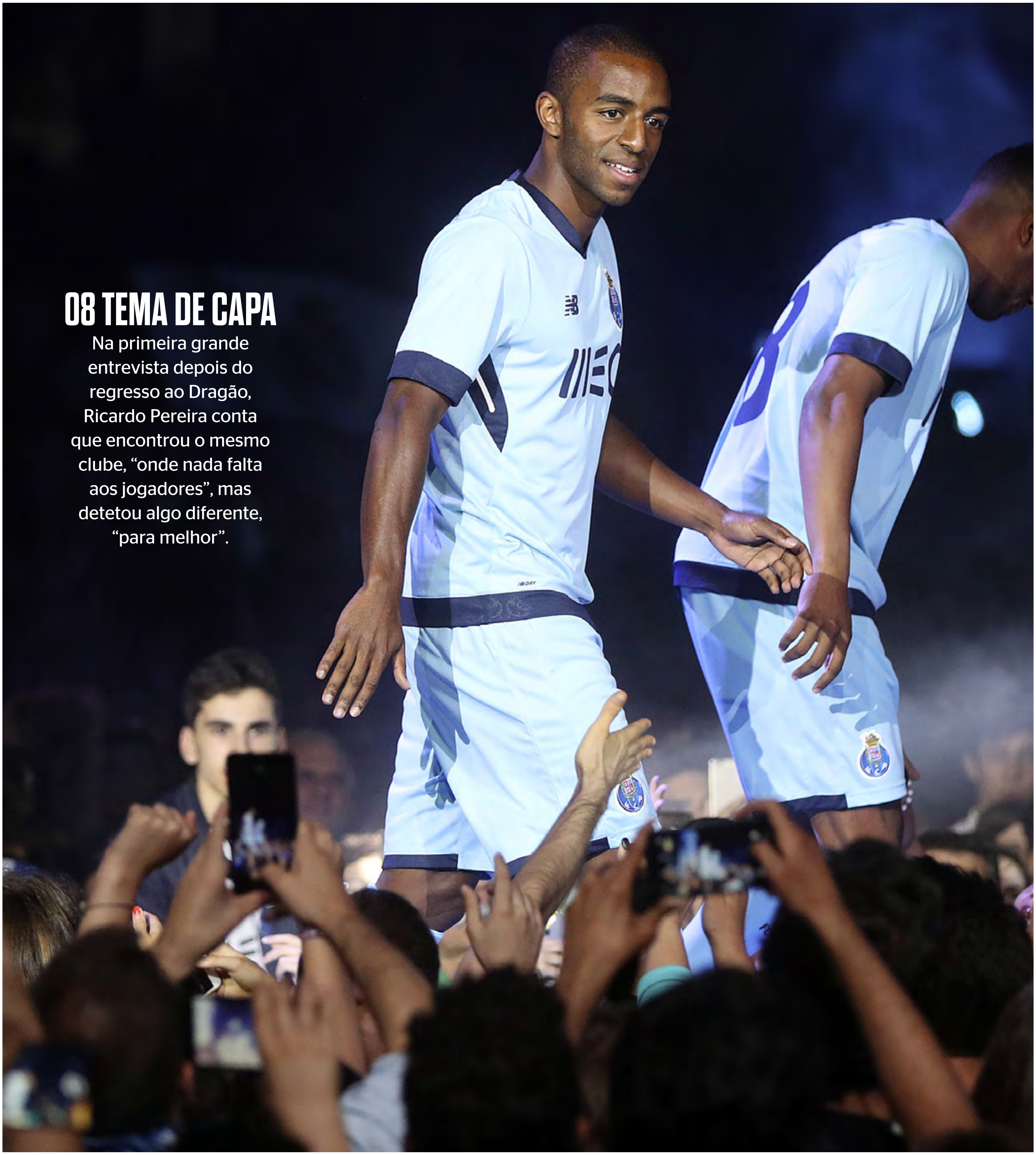
AGENDA PARA MARCAR
VOLTAS, REVIRAVOLTAS E CURIOSIDADES SOBRE O CALENDÁRIO DA LIGA

OS IMORTAIS
EM 1920 JÁ HAVIA QUEM APONTASSE O DEDO AO “FACCIOSISMO” DA IMPRENSA


VISARO
DICTATE
THE PLAY


FURON
new balance
ALWAYS IN BETA
DEVASTATE
THE DEFENCE
FURON

CONTEÚDOS



FICHA TÉCNICA

Propriedade
Futebol Clube do Porto

NIPC
501122834

Administrador
Alípio Jorge Fernandes

Diretor
Francisco J. Marques

Editor
Alberto Barbosa

Redação
Bruno Leite
Diogo Faria
João Pedro Barros
João Queiroz
Rui Cesário Sousa

Multimédia
Fábio Silva
Hugo Matos

Design Gráfico
Diogo Oliveira

Fotografia
Arquivo do FC Porto
Adoptarfama

Impressão
Etiquel

Publicidade
PortoComercial
Estádio do Dragão,
Entrada Nascente, Piso 3
4350-415 Porto
Telefone: 225 083 300

Assistente de Redação
Eduardo Silva

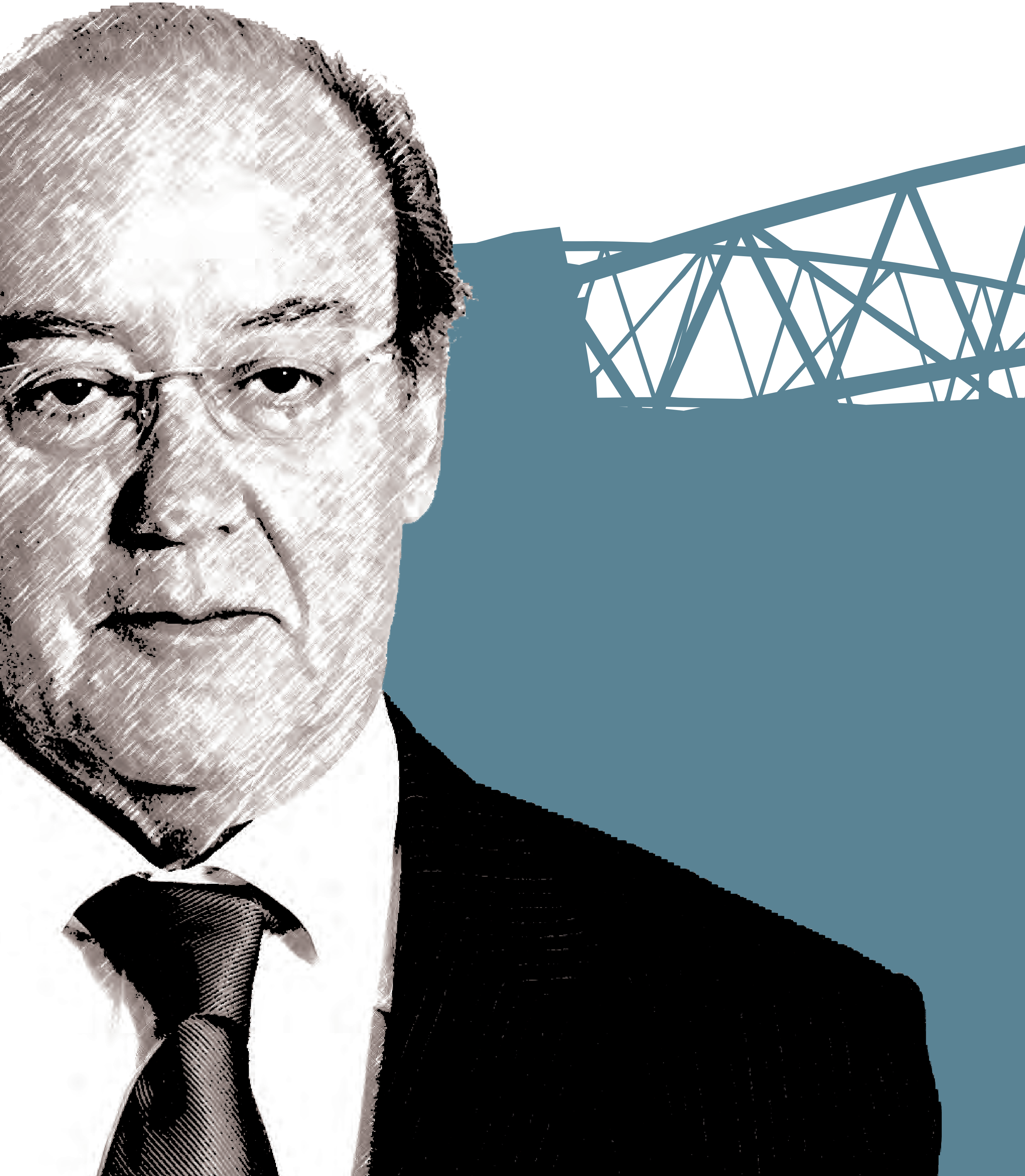
Assinaturas
PortoComercial
Linha Dragão
(707 28 1893)
Loja do Associado do Estádio do Dragão
E-mail: revista.dragoes@fcporto.pt

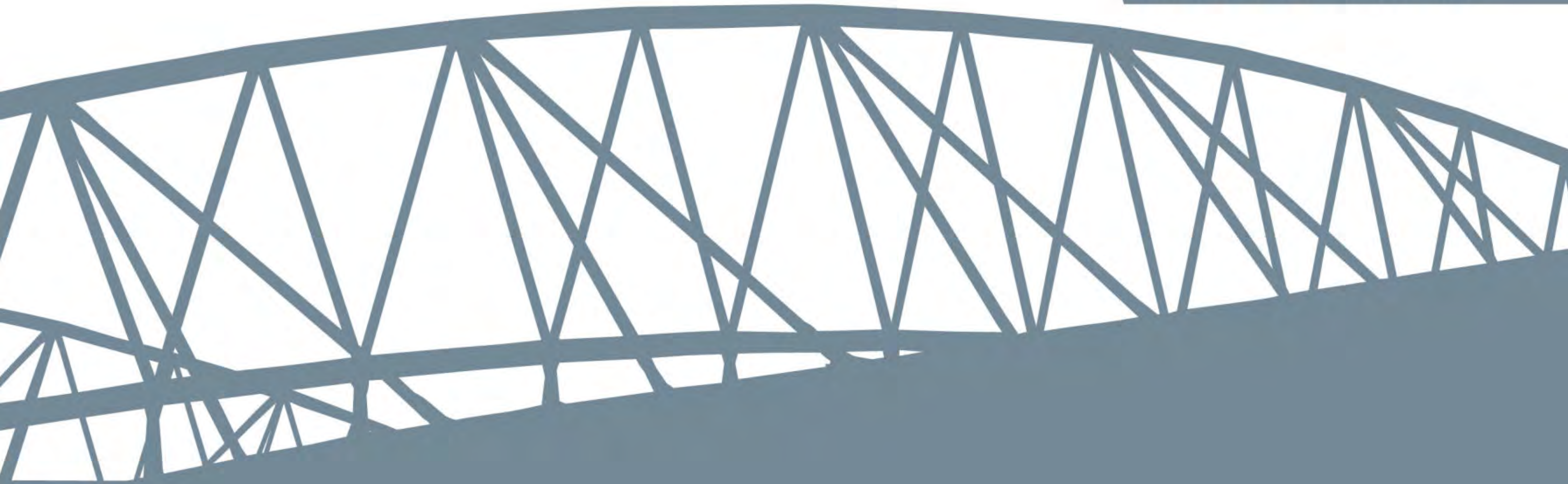
Tiragem
6.150 exemplares

N.º Registo ERC
110847

N.º Depósito Legal
41977

Distribuição
VASP





UMA EQUIPA COM PAIXÃO

A nossa equipa vai começar os jogos a sério e depois do que vimos durante os jogos de preparação estamos prontos para competir. Os sinais da pré-época foram excelentes, com um futebol entusiasmante, à procura do golo, francamente ofensivo. Não posso, por isso, deixar de destacar a paixão com que o nosso treinador Sérgio Conceição encarou este regresso a casa. O empenho e a dedicação dos jogadores também é bem evidente e é nesta cumplicidade, que se estende aos adeptos, que queremos criar as bases para uma época de sucesso. Como diz o Sérgio, trabalhamos duro para em maio podermos festejar. Estou firmemente convicto de que esta equipa nos vai encher de orgulho.

Em competição já está a nossa equipa de ciclismo, que leva as camisolas azuis e brancas pelas estradas de Portugal. Não sabemos como vai acabar, mas sabemos que a equipa W52-FC Porto-Mestre da Cor corre sempre para vencer e as primeiras etapas foram uma demonstração disso mesmo.

Nunca gostei de falar de mim, mas nesta ocasião não posso deixar de agradecer as muitas mensagens que recebi de tantos e tantos portistas. O pior já passou e estou a retomar a vida normal. Quem já teve a infelicidade de fraturar costelas sabe bem o desconforto que esta situação causa, mas estou determinado a continuar a trabalhar e a manter o FC Porto entre os grandes clubes da Europa, lugar que conquistou com muito esforço e grandes resultados.

Jorge Nuno Pinto da Costa

"REGRESSO MELHOR JOGADOR"

Chegou cá no verão de 2013, após uma época de estreia de sonho na Liga ao serviço do Vitória de Guimarães, que culminou com um golo que valeu a conquista da Taça de Portugal. A primeira temporada foi de aprendizagem, mas a segunda foi de desilusão. Queria jogar mais e o Nice abriu-lhe as portas do campeonato francês para se afirmar e para se revelar. Foi o passo certo, diz, um passo atrás para dar dois à frente, porque Ricardo garante que regressa ao Dragão melhor jogador e também melhor pessoa. Encontrou o mesmo clube, "grande, com todas as condições, onde nada falta aos jogadores", mas um balneário diferente "para melhor" e consciente da necessidade ou da exigência de voltar a recolocar o FC Porto no caminho dos títulos.

ENTREVISTA DE JOÃO QUEIROZ
TEXTO: **ADOPTARFAMA**

"É uma camisola diferente das outras". Foram palavras que ouvimos do Ricardo ao Porto Canal no dia em que foram apresentados os equipamentos para a nova época. Diferente porquê?
É o meu clube do coração, é o maior clube de Portugal. A história que tem, os adeptos que tem, a cidade... Tudo isso envolve e tudo que é a cidade do Porto está relacionado com o FC Porto, e penso que isso faz toda a diferença.

E como nasceu essa paixão pelo clube?
Foi o meu irmão mais velho, que é portista, que me pegou o bichinho, como se costuma dizer.

Quando lhe disseram que se tinha que apresentar aqui no dia 3 de julho, como reagiu?
Foi uma alegria, foi o culminar destas duas épocas. Foi um prémio voltar aqui, fazer a pré-época com a equipa e um sinal de confiança também.

Encontrou alguma diferença desde que treinou pela última vez no Olival, em agosto de 2015?
Penso que, no geral, está o mesmo, um clube grande, com todas as condições, onde nada falta aos jogadores, em que está tudo sempre em ordem, sempre organizado.

E que balneário encontrou?
Encontrei algumas pessoas novas, que não conhecia, mas todos com o mesmo profissionalismo, entrega, entusiasmo e vontade de vencer. Tenho tido muito boas sensações, noto que há algo diferente para melhor, ainda não lhe consigo explicar o quê, em concreto, mas sinto que, mesmo na convivência do grupo, os jogadores estão confiantes e acreditam no trabalho que estão a desenvolver. Isso é bom para a equipa e acredito que vai trazer bons frutos no futuro.

Foi bem recebido?
Sim, sem dúvida. Não houve praxe [risos], mas correu tudo muito bem, até porque já conhecia a maioria dos jogadores e os que não conhecia gostei de conhecer. Receberam-me todos muito bem.

Encontrou Sérgio Conceição, treinador que defrontou na época passada quando orientava o Nantes. Viu-o noutro contexto...
Ele tinha que analisar os adversários, ver os jogos da Liga francesa... É sempre diferente do que se fosse um treinador que não acompanhasse o campeonato francês tão de perto, até porque em Portugal não passam muitos jogos do campeonato francês. Penso que pode ser uma mais-valia... Mas a verdade é que o que está para trás


MEO
FC Porto

"Foi um prémio voltar aqui, fazer a pré-época com a equipa e um sinal de confiança também."

é passado e não nos vamos focar nisso, porque de certeza que não vai ser pelo que fiz no ano passado que vá jogar mais tempo. Penso que partimos todos do zero, mas reconheço que é importante ele saber o que eu fiz no passado e saber aquilo de que sou capaz.

E como é trabalhar com ele?
É um treinador que gosta de uma equipa com intensidade e agressividade, que treine sempre no máximo, que dê tudo, quer nos treinos quer nos jogos e que tem puxado muito por nós para começarmos bem o campeonato.

Transmitiu-lhe alguma mensagem especial?
Disse-me que acompanhou o meu percurso em França, que contava comigo e deu-me confiança para fazer aquilo que sei.

O que é que ele espera de si no jogo da equipa?
Que continue a dar largura e profundidade, porque o treinador gosta de jogar com os laterais subidos, mas que também não se esqueçam de que são defesas e que temos que dar apoio tanto aos centrais como aos médios e aos extremos.

Concorre com o Maxi por um lugar. Como tem sido essa competição?
É sempre saudável ter um jogador como o Maxi, que toda a gente conhece, um jogador de garra, que trabalha muito, que esteve muito bem, quer na época passada quer na anterior. É muito positiva para a equipa esta competição, que ajuda ambos a melhorar.

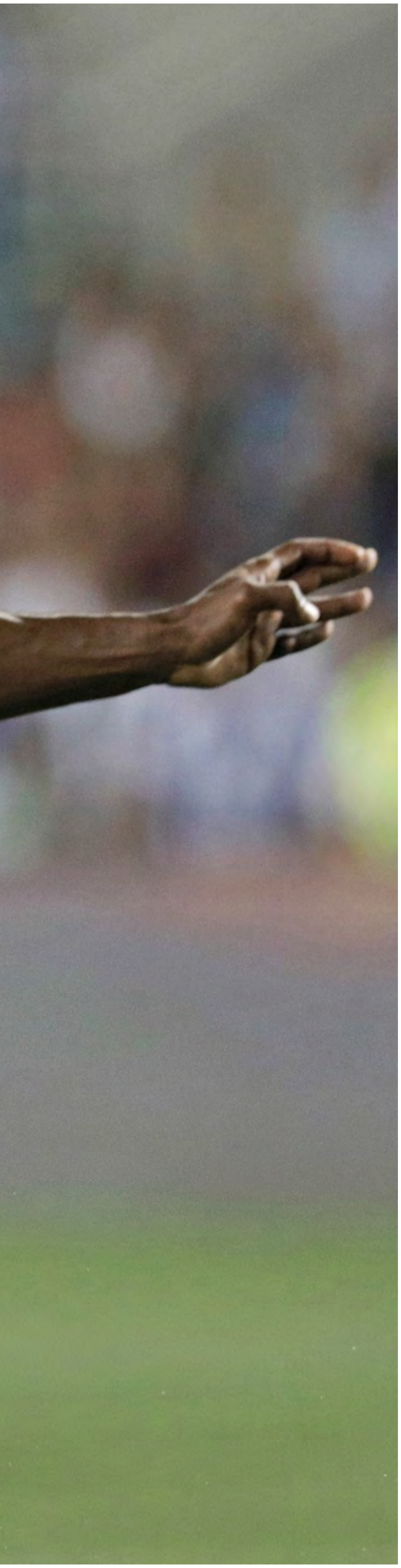
Quatro vitórias e dois empates, 16 golos marcados, três sofridos, foi o saldo positivo dos seis jogos à porta aberta realizados durante a pré-temporada. Sentem-se preparados para começar o campeonato e a atacar o título?
Penso que sim. Começámos com o pé direito e estamos no caminho certo, mas a verdade é que ainda temos muito a melhorar. Não queremos ficar por aqui e vamos continuar a trabalhar durante a época para evoluir para chegarmos ao fim e festejarmos todos juntos a conquista do campeonato, que é o mais importante.

Sérgio Conceição insiste muito na necessidade e na ambição de colocar um fim neste período sem qualquer título. Os jogadores têm consciência dessa realidade e, ao mesmo tempo, dessa exigência?
Sim, claro que sim. Nós, que estamos aqui, e outros, que já cá estiveram, sabemos o que é o FC Porto, um clube que não está habituado a não ganhar e, quando não se ganha, não são só os adeptos que sentem e que querem ganhar, os jogadores também e disso depende o seu dia a dia e a sua felicidade. Os jogadores têm perfeita noção disso e querem acabar com esse período.









"SOU MAIS DEFESA DO QUE EXTREMO"

Era um extremo puro quando assinou pelo FC Porto, pelo que estava longe de pensar que o futuro no futebol estaria mais atrás. Admite que essa mudança não foi fácil e que só se consciencializou de que seria defesa quando se transferiu para o Nice. Foi em França que se afirmou e revelou como tal, com todo o sucesso que se conhece: jogou a lateral, quer na direita quer na esquerda, e também a extremo. Ricardo regressa, portanto, um jogador muito mais polivalente, que pode dar "mais opções ao treinador".

Quem é o Ricardo que agora regressa ao FC Porto, depois de dois anos em França?
Um jogador adulto, mais velho, com mais experiência, não só nos dois primeiros anos aqui, no FC Porto, como também quando estive fora, e também com mais tempo de jogo. O facto de ter experimentado outro campeonato deu-me a oportunidade de ter tido outras vivências, de jogar um futebol diferente, permitiu-me melhorar como jogador e como pessoa também, porque aprendi uma língua nova e uma cultura diferente. Penso que sou melhor jogador do que aquele que chegou aqui há quatro anos.

No Nice foi quase como chegar, ver e vencer. Na primeira época participou em 27 jogos e foi considerado o melhor lateral direito da Liga francesa. Na segunda, foram 30 jogos, todos eles também como titular e ainda com dois golos marcados. Foi uma experiência enriquecedora?
Sim, foi muito boa. Lembro-me de que cheguei no último dia do mercado de transferências e depois, logo no primeiro jogo, fui titular. Foi bom, porque nós queremos é jogar. Chegar e ter começado logo a jogar foi muito bom, porque também ajuda na adaptação, ao entrosamento com os colegas. Foram duas épocas que correram muito bem. Foi pena uma ou outra lesão, infelizmente faz parte, mas já passou.

Esperava impor-se de forma tão rápida?
Uma pessoa tem sempre aquela confiança de que as coisas vão correr bem. Temos sempre aquela expectativa, como é que vai ser entrar num mundo novo, numa realidade nova, como vamos ser acolhidos pelo grupo, como vão ser as pessoas do clube... esse tipo de dúvidas. Mas depois, passados dois ou três dias, cheguei à conclusão de que não era muito diferente e senti-me muito bem no Nice.

> "Não tinha na cabeça a possibilidade de um dia vir a ser lateral."

Que ensinamentos lhe deu o futebol francês?
É um campeonato mais competitivo, devido ao fator financeiro, o futebol é mais físico, obrigou-me a jogar um futebol diferente e claro que isso ajuda no crescimento de um jogador.

Chegou ao Nice quando ainda era um lateral em adaptação. Foi lá que se consciencializou de que o seu futuro passava pela defesa?
Sim, penso que sim. Quando aqui estava, treinava e jogava tanto atrás como à frente, na seleção jogava sempre à frente, por isso nessa altura ainda estava na dúvida se era lateral ou extremo. Quando fui para o Nice já sabia que seria para jogar a lateral, apesar de o treinador saber que podia fazer outras posições. Foi uma questão de adaptação: à medida que os jogos vão acontecendo, vamos ganhando confiança e outro à-vontade na posição, apesar de nesta última época ter terminado a jogar a extremo.

Considera-se hoje um defesa ou ainda se sente um extremo?
É uma pergunta difícil... Penso que posso jogar em ambas posições, mas talvez nesta altura me considere mais defesa. Nos últimos meses da época passada passei a jogar à frente, é sempre necessário ter dois ou três jogos de adaptação, mas

depois correu normalmente.

É difícil para um jogador durante a época fazer uma e outra posição?
Um pouco, sim. Lembro-me que nessa altura, quando passei para extremo, nos primeiros jogos sinto que andei ali um bocadinho perdido, mas à medida que vamos jogando, vamos largando os hábitos da posição antiga e adaptamo-nos à nova. Depois de um, dois, três jogo,s já me sentia na minha praia, como se costuma dizer.

O TR(I)UNFO DA POLIVALÊNCIA

Quando ingressou no FC Porto fazia parte do seu plano de carreira jogar nessa posição?
Não, naquela altura não. No Vitória cheguei a jogar a defesa duas ou três vezes, mas durante os jogos, quando o treinador substituía um lateral por um extremo e eu recuava. Sabia que podia fazer esporadicamente a posição, mas não tinha na cabeça a possibilidade de um dia vir a ser lateral.

Não foi fácil essa mudança...
Não, claro que não. Lembro-me que nos primeiros treinos foi complicado: um extremo tem de ter cuidados e preocupações diferentes, atrás a concentração tem que ser muito maior, há a questão da linha, a passagem nas costas, situação que a extremo é raro acontecer... Lembro-me que apanhava muitas vezes o Licá, que é muito bom nos movimentos nas costas e ao início custava-me um bocado. A nível defensivo é completamente diferente um extremo adaptar-se a lateral do que o contrário, mas à medida que vamos jogando começamos a apanhar as manhas, entre comas, e felizmente correu bem.

No Nice também chegou a jogar no lado esquerdo da defesa, posição em que também foi utilizado na primeira época no FC Porto. Caso seja necessário e o treinador o entenda, não se sente desconfortável se mudar de flanco..
Não, não, no primeiro ano no Nice joguei dez ou 15 jogos na esquerda, depois fui para a direita, onde fiz uns oito ou dez jogos e depois voltei à esquerda. No total, devo ter feito cerca de 20 jogos como lateral-esquerdo, por isso não me é uma posição estranha. Quando cheguei, o defesa-esquerdo estava lesionado e o titular era um jogador da equipa B. Perguntaram-me se não me importava e eu respondi que o queria era jogar. Nessa altura a Liga estava parada por causa das seleções e, quando regressou, fui logo titular como defesa-esquerdo. E como até correu bem, apesar de não estar habituado, e a equipa ganhava, comecei a jogar à esquerda, até porque o lateral direito estava a jogar bem.

Lateral-direito, lateral-esquerdo, extremo, hoje é claramente um jogador muito mais versátil. Considera que essa polivalência foi também um trunfo para poder conquistar um lugar na equipa neste regresso ao clube?
Sim, penso que sim, ainda que isso possa ser visto um pouco como um "tapa buracos", como se costuma dizer, penso que pode ser bom o treinador ter mais opções e o facto de já ter jogado bastante tempo em qualquer um deles pode ser bom, como foi no Nice, por exemplo.



"NÃO PENSEI DUAS VEZES QUANDO APARECEU O FC PORTO"



Filho de pai cabo-verdiano e de mãe guineense, Ricardo nasceu em Lisboa e foi lá que nasceu para o futebol, primeiro com os amigos, ao pé de casa, depois no Futebol Benfica. Aos 11 anos mudou-se para o Sporting, clube no qual prosseguiu a formação até ingressar na Naval.
Foi uma decisão acertada, porque um ano depois já estava a assinar pelo Vitória de Guimarães. Estreou-se pela equipa principal com apenas 19 anos e a época seguinte foi logo de afirmação, culminada com a conquista da Taça de Portugal e com a transferência para o FC Porto - um ano memorável, resume.

Começou a formação no Sporting, mas quando chegou a júnior foi dispensado e continuou-a na Naval. Custou muito essa mudança de um clube grande para um mais pequeno, de uma cidade grande para uma de média dimensão?
Claro que, em termos de condições, o Sporting e a Naval não têm nada a ver, isso custou, mas também é bom para a aprendizagem de um jogador. O que custou mais foi sair de casa, aos 16 anos, porque sou muito apegado à minha família e os primeiros tempos foram complicados, mas valeu a pena. Naquele ano na Naval encontrei um grupo fantástico, que me ajudou muito na adaptação, tal como o treinador, com quem ainda hoje falo. Foi muito importante essa mudança, a época correu bem em termos coletivos e isso também ajudou.

Na época seguinte estava no Vitória de Guimarães para cumprir o último ano de júnior, em que acabou por se estrear pela equipa principal, participando em três jogos do campeonato, um deles como titular.
Sinceramente, se me dissessem que naquela época em que fui para o Vitória me ia estrear na equipa principal, não me acreditava. Felizmente as coisas correram-me muito bem, fui muito bem acolhido pelos jogadores, treinadores e pessoas do clube. Já estava habituado a estar longe de casa, por isso não custou tanto nesse sentido. Foi muito bom chegar a um clube com boas condições e que apostava muito nos jovens e estrear-me logo como sénior.

Há um episódio, contado pelo seu treinador da altura nos juniores do Vitória, Armando Evangelista, que segundo o próprio é revelador das qualidades humanas do Ricardo. Mesmo a treinar com os seniores, ia ver os treinos dos juniores e apanhar bolas...
É verdade, nessa altura treinava com os seniores e normalmente jogava pelos juniores. Costumava treinar de manhã com a equipa principal e depois à tarde, como não tinha nada para fazer, ia ver o treino dos juniores e quando a bola saia, como não havia ninguém, era eu que a ia buscar para ter um motivo para dar mais uns toques...

Fixou-se no plantel principal logo na época seguinte e depressa se tornou uma das peças-chave da equipa...
Foi muito bom. Foi um ano de mudança para o clube, que na altura passava algumas dificuldades, tinha um grupo de jogadores no plantel que estavam a aparecer, como eu e o André André, por exemplo, que queriam mostrar as suas qualidades e que queriam retribuir a confiança que lhes tinha sido dada. Foi um ano muito bom, muito importante... foi memorável.





"Valeu a pena trocar o Sporting pela Naval."

Realizou 37 jogos e marcou oito golos, um dos quais valeu o triunfo por 2-1 sobre o Benfica na final da edição 2012/13 da Taça de Portugal. É um momento para nunca mais esquecer?
Sem dúvida, um momento inesquecível. São aqueles momentos em que pensamos na véspera do jogo, antes de ir dormir, e que depois acontecem mesmo. Além disso valeu a vitória, que era o mais importante... Foi, de facto, um dia para não mais esquecer.

Nessa altura já se falava com insistência no interesse do FC Porto, que se tinha acabado de sagrar campeão, depois daquela emocionante reta final de Liga. Foi um bom cartão de visita....
Nesse momento não pensamos nessas coisas, pensamos na felicidade, na alegria, em todos os sacrifícios pelos quais passámos desde pequenos para chegar ali e dar aquela alegria à família, aos amigos e aos adeptos. É nesses momentos que se pensa que tudo o que ficou para trás valeu a pena e uma pessoa quer é desfrutar.

Ao fim de uma época na Liga já estava a dar o salto para o FC Porto. Esperava uma ascensão tão meteórica?
Confesso que nunca pensei que fosse tão rápido, mas as coisas correram bem no Vitória, surgiu a oportunidade e não pensei duas vezes.

Na primeira temporada acabou por fazer 33 jogos, 21 na equipa principal (14 na Liga, sete como titular) e 12 na Segunda Liga. Foi um ano de aprendizagem, mas acabou por ter bastante tempo de jogo...
Apesar de não ter jogado tanto como queria, foi muito importante para mim o facto de poder treinar com jogadores de classe mundial todos os dias, de ter aprendido muito com jogadores mais maduros, mais experientes. Foi um primeiro ano de adaptação, penso que acabou por ser positivo.

Na segunda, quando se esperava que fosse um ano de afirmação, acabou por ter menos tempo de jogo e quando se preparava para iniciar a terceira foi cedido ao Nice. Saiu porque queria jogar mais?
Sim. A primeira época foi de aprendizagem e na segunda pensei que iria ser melhor em termos de tempo de jogo e como isso não aconteceu senti que, apesar de me sentir bem aqui, precisava de jogar e também sentia que faltava algo e por isso transmiti a minha vontade de sair. No Nice foi possível jogar, correu pelo melhor.



O NICE E BALOTELLI

Deparou-se com uma realidade diferente no Nice, um clube de média dimensão em França, mas que está a crescer depois da chegada de investidores chineses ao clube?
Sim, os objetivos do Nice e do FC Porto são completamente diferentes. Naquela época o objetivo do Nice era o quinto lugar. No entanto, foi um projeto que me agradou e que me cativou, o clube mostrou interesse, tanto que esperou por mim até ao dia do fecho do mercado de transferências. Foi um passo certo.

Como foi partilhar o balneário com Mario Balotelli, um jogador polémico, temperamental, politicamente incorreto?
No dia a dia nada tem a ver com o que se diz dele. Ele é assim para o exterior, nomeadamente para a imprensa, pelo que sofreu e tem que ser assim. No balneário é um jogador como outro qualquer, que brinca e que não tem a mania da superioridade, como se pensa. Surpreendeu-me pela positiva.

Pode reencontrá-lo como adversário, caso o Nice alcance a fase de grupos da Liga dos Campeões...
Seria muito bom, se conseguisse passar. Consegui ver a primeira parte do jogo com o Ajax, a segunda mão em Amesterdão não vai ser fácil, mas estou a torcer por eles e gostava muito de poder defrontá-los na Liga dos Campeões.

> “Não pensava chegar tão rápido ao FC Porto.”

A SELEÇÃO NO HORIZONTE

Estreou-se a 14 do novembro de 2015 na seleção num jogo particular diante da Rússia, três dias depois também fez alguns minutos noutro amigável, contra o Luxemburgo, e nunca mais lá voltou. Enquanto esteve no Nice, a imprensa francesa questionou por que motivo não passou a ser presença assídua nos convocados de Fernando Santos. "Penso que fiz um bom trabalho no Nice, mas os outros jogadores também fizeram um bom trabalho", diz o número 21 dos azuis e brancos, que não esconde o desejo de voltar a representar Portugal.

O regresso à Seleção é um objetivo? O Mundial está aí à porta...
Claro que é. Chegar lá não foi fácil, mas não estava à espera na altura, e sabemos que é difícil lá chegar, mas ainda é mais difícil lá voltar. A Seleção tem feito um trabalho muito bom, tem muitos jogadores de qualidade e não é fácil entrar no grupo, mas sim é um objetivo.

Nas duas épocas que esteve em França, a imprensa chegou a questionar a razão pela qual não era mais vezes chamado à Seleção. Sente também que merecia ter tido mais oportunidades?
De certeza que os que lá estão mereceram, é ao selecionador que cabe escolher, escolheu bem, porque Portugal foi campeão europeu, não há nada a apontar. Penso que fiz um bom trabalho no Nice, mas os outros jogadores também fizeram um bom trabalho.

O facto de estar de volta ao futebol português e de jogar a lateral direito pode ajudá-lo a voltar a fazer parte dos convocados do selecionador?
Não sei, a Seleção tem boas opções tanto no ataque como na defesa, à frente talvez com um outro estatuto, mas penso que também estamos bem servidos atrás. Quanto ao facto de estar de volta ao futebol português, reconheço que sim, que pode ajudar a que o selecionador esteja mais atento a mim.

NOME
RICARDO DOMINGOS BARBOSA PEREIRA

DATA DE NASCIMENTO
6 DE OUTUBRO DE 1993

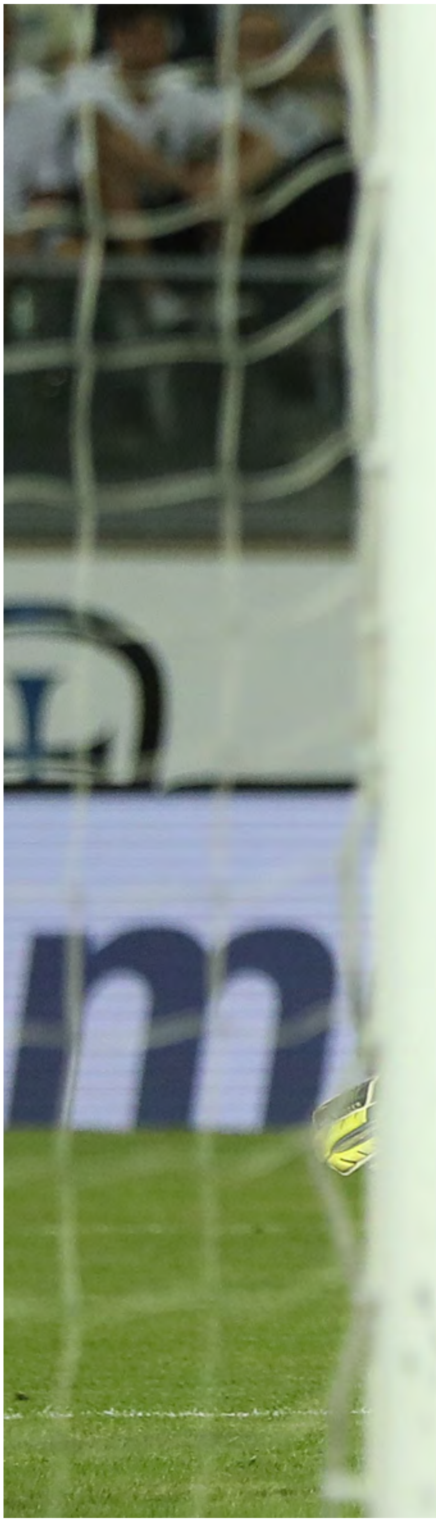
NATURALIDADE
LISBOA

POSIÇÃO
DEFESA

NÚMERO
21

CLUBES
V. GUIMARÃES
FC PORTO
NICE

TÍTULOS
TAÇA DE PORTUGAL 2012/13







VOLTA AO CAMPEONATO

A sorte tratou de o ordenar como bem entendeu, a DRAGÕES examinou-o à lupa, fez contas de somar, subtrair e multiplicar, enquanto foi vasculhando a história que ele tem para nos contar. Deu-lhe uma volta e andou às voltas, mais do que as duas voltas em que é jogado, para perceber a volta que o FC Porto tem que dar para cortar a meta em primeiro lugar. Chegou agosto, mês querido e mês de Volta, e com ele chega mais um campeonato, a Liga NOS 2017/18.

TEXTO: **JOÃO QUEIROZ**
FOTOS: **ADOPTARFAMA**

QUANDO JORGE COSTA RESOLVEU

Nove jornadas em casa, oito fora, duas no sul do país, com o Sporting e o Vitória de Setúbal. São contas rápidas ao calendário da primeira volta. A ordem inverte-se na segunda: há deslocações aos estádios de Estoril, Portimonense, Belenenses, Benfica e ainda ao do Marítimo. Nos primeiros cinco meses da época - com os seis jogos da fase de grupos da Liga dos Campeões pelo meio -, vão ser percorridos cerca de 1.900 quilómetros na estrada. Na segunda metade, os números são quase o dobro, aproximadamente 3.600, sem contar com a viagem aérea à Madeira.

Começar o campeonato no conforto de casa tem sido um hábito: nos últimos 30 anos aconteceu por 26 vezes. Festejaram-se 19 vitórias e lamentaram-se sete empates, um deles em 2004/05 e outro em 1991/92, épocas em que, no entanto, a primeira jornada foi adiada. O Benfica foi o adversário que mais calhou em sorte (5), seguindo-se na lista o Sporting, o Sporting de Braga, o Belenenses, o Rio Ave e o Vitória de Setúbal (2).

Há 25 anos, o cenário era semelhante: não foi numa quarta-feira como agora, mas numa terça-feira de agosto. A edição 1992/93 do campeonato começava com uma receção ao Estoril e um golo de Jorge Costa resolvia o jogo. Foi no estádio da Académica, porque o das Antas estava interditado devido aos excessos dos festejos da conquista do título na época anterior. Foi o primeiro de dois consecutivos, que começaram exatamente com o mesmo adversário. Na edição anterior, o adiamento do jogo da primeira jornada levou o FC Porto à Amoreira para começar, e bem, o campeonato, com um triunfo por 2-0.





O mais emblemático jogo da Cidade Invicta tem um sem número de histórias para contar de tão antigo que é. Tem também alguma desproporção de forças - o FC Porto venceu 75, perdeu 17 e empatou 16 jogos do campeonato. E tem ainda hiatos prolongados: o mais recente durou seis anos, de 2008 a 2014. O Boavista ainda não foi capaz de contrariar a supremacia vizinha desde que regressou à Liga: seis jogos, cinco derrotas e um empate. Há um novo "tira-teimas" em finais de outubro e depois outro em março.

Não é inédito: o último adversário na Liga é o Vitória de Guimarães. Foi assim em 1976/77, 1990/91 e 1991/92, com um denominador comum: triunfo portista, por 4-2, 5-0 e 1-0, respetivamente. Apenas muda o palco: se antes foi sempre no Estádio das Antas, desta vez será no Estádio D. Afonso Henriques.



Já lá vão 15 anos desde que o FC Porto fez apenas um jogo do campeonato fora do continente. Volta a acontecer agora e, como tem sido tradição nas últimas quatro décadas, é com o Marítimo, no último fim de semana de abril, na 32.ª e antepenúltima jornada, exatamente como em 2016/17. Não é caso único neste calendário: à imagem da época passada, o Belenenses é adversário na 11.ª e 28.ª rondas, ainda que, desta vez, a primeira volta se realize no Dragão.

O primeiro clássico de 2017/18 joga-se em Alvalade, com um Sporting-FC Porto, pela segunda temporada consecutiva. É à oitava jornada, antes da segunda da Champions, e pode cair em dia de eleições autárquicas, porque calhou no primeiro fim de semana de outubro. Neste mês, o de outubro, as duas equipas já se defrontaram em 24 dos 166 jogos que contam no campeonato. O saldo é positivo para os portistas: venceram dez, empataram seis e perderam oito, cinco dos quais nas longínquas décadas de 60 e 70.



FC Porto e Benfica medem forças na jornada 13 pela quarta vez na história: em 1951/52, vitória azul e branca nas Antas (3-0); em 1978/79, empate a zero na Luz; em 2014/15, no Dragão, os lisboetas ganharam, resultado que conseguiram apenas por duas vezes nos últimos 30 anos no recinto portista (2-0). É aqui que se joga o primeiro "round", no primeiro fim de semana de dezembro, em vésperas do último encontro da fase de grupos da Liga dos Campeões. O segundo, em abril, na Luz, é o ponto alto do cartaz da 30.ª ronda, na reta final do campeonato.





O mapa da Liga volta a estender-se até ao Algarve e é para o inverno que está marcado o regresso a Portimão, onde o FC Porto não joga desde 2011. Foi em abril, num dia de primavera, mas que parecia de verão, depois de ter acendido a luz do 25.º campeonato do palmarés em Lisboa, frente ao Benfica. Vitória dos portistas por 3-2, que assim prosseguia a caminhada triunfal, imaculada no campeonato, numa das mais gloriosas épocas da história do clube, em 2010/11.

O Feirense é o adversário no último jogo de 2017 e também o último da temporada no Estádio do Dragão. O primeiro é nas vésperas do Natal, numa das jornadas oficialmente marcadas para uma quarta-feira; o segundo é nos primeiros dias maio.

O Desportivo das Aves é o outro recém-promovido. Despediu-se do convívio entre os grandes a 20 de maio de 2007, no Estádio do Dragão: o FC Porto ganhou por 4-1 e sagrou-se bicampeão. O jogo seria reeditado na época seguinte, numa eliminatória da Taça de Portugal, e terminou com o vencedor de sempre nestes duelos: nove jogos, nove vitórias dos portistas, 26 golos marcados e apenas dois sofridos. O reencontro é em novembro, na Vila das Aves.

5

Os jogos das seleções e as eliminatórias da Taça de Portugal implicam cinco paragens previstas no calendário: entre a quarta e a quinta jornadas, entre a oitava e a nona, entre a 11.ª e a 13.ª e ainda entre a 27.ª e a 28.ª.

3

A jornada inaugural joga-se a meio da semana, mas não é a única no campeonato. O mesmo acontece na 16.ª e última do ano, marcada para dia 20 de dezembro, e também na 20.ª, agendada para 31 de janeiro, devido à Final Four da Taça da Liga, que se realiza no Estádio Municipal de Braga de 20 a 27 de janeiro.

13

É no final da primeira quinzena de outubro que o FC Porto começa a participar na Taça de Portugal. A eliminatória disputa-se, à imagem dos últimos anos, dias antes de uma jornada da fase de grupos da Liga dos Campeões. A final está agendada para 13 de maio.

FC PORTO
CALENDÁRIO 2017-2018

JORNADA 1	**09/08/2017**	FC Porto-Estoril
JORNADA 2	**13/08/2017**	Tondela-FC Porto
JORNADA 3	**20/08/2017**	FC Porto-Moreirense
JORNADA 4	**27/08/2017**	Braga-FC Porto
JORNADA 5	**10/09/2017**	FC Porto-Desportivo Chaves
JORNADA 6	**17/09/2017**	Rio Ave-FC Porto
JORNADA 7	**24/09/2017**	FC Porto-Portimonense
JORNADA 8	**01/10/2017**	Sporting-FC Porto
JORNADA 9	**22/10/2017**	FC Porto-Paços de Ferreira
JORNADA 10	**29/10/2017**	Boavista-FC Porto
JORNADA 11	**05/11/2017**	FC Porto-Belenenses
JORNADA 12	**26/11/2017**	Desportivo Aves-FC Porto
JORNADA 13	**03/12/2017**	FC Porto-Benfica
JORNADA 14	**10/12/2017**	Vitória Setúbal-FC Porto
JORNADA 15	**17/12/2017**	FC Porto-Marítimo
JORNADA 16	**20/12/2017**	Feirense-FC Porto
JORNADA 17	**07/01/2018**	FC Porto-Vitória Guimarães
JORNADA 18	**14/01/2018**	Estoril-FC Porto
JORNADA 19	**20/01/2018**	FC Porto-Tondela
JORNADA 20	**31/01/2018**	Moreirense-FC Porto
JORNADA 21	**04/02/2018**	FC Porto-Braga
JORNADA 22	**11/02/2018**	Desportivo Chaves-FC Porto
JORNADA 23	**18/02/2018**	FC Porto-Rio Ave
JORNADA 24	**25/02/2018**	Portimonense-FC Porto
JORNADA 25	**04/03/2018**	FC Porto-Sporting
JORNADA 26	**11/03/2018**	Paços Ferreira-FC Porto
JORNADA 27	**18/03/2018**	FC Porto-Boavista
JORNADA 28	**31/03/2018**	Belenenses-FC Porto
JORNADA 29	**08/04/2018**	FC Porto-Desportivo Aves
JORNADA 30	**15/04/2018**	Benfica-FC Porto
JORNADA 31	**22/04/2018**	FC Porto-Vitória Setúbal
JORNADA 32	**29/04/2018**	Marítimo-FC Porto
JORNADA 33	**06/05/2018**	FC Porto-Feirense
JORNADA 34	**13/05/2018**	Vitória Guimarães-FC Porto

Meu querido mês de agosto

Num clube com a história do FC Porto todos os meses são importantes e especiais, mas agosto tem uma particularidade: marca o início de muitas caminhadas triunfais. Esta edição da Nota 10 evoca uma dezena de feitos dos Dragões que justificam que agosto seja mesmo um mês querido para todos os adeptos azuis e brancos.

TEXTO: **DIOGO FARIA**



1
FC PORTO, DEFINITIVAMENTE

Depois da fundação, em 1893, o FC Porto ganhou nova vida a 1 de agosto de 1906, com José Monteiro da Costa, impulsionador de uma caminhada que já levou o clube ao topo do mundo.



2
A PRIMEIRA DE MUITAS

O FC Porto venceu pela primeira vez a Volta a Portugal a 15 de agosto de 1948. Desde a consagração de Fernando Moreira, os Dragões já somaram mais 12 camisolas amarelas, a última das quais em 2016.



3
REFORÇO DE SONHO

Foi em agosto de 1984 que Paulo Futre trocou o Sporting pelo FC Porto, que viria a representar em 117 jogos. Marcou 33 golos e ganhou dois Campeonatos, uma Supertaça Cândido de Oliveira e uma Taça dos Campeões Europeus.



4
VIENA REVISITADA

Foi com o estatuto de campeão da Europa que o FC Porto se apresentou no Camp Nou para disputar o histórico troféu Joan Gamper, em agosto de 1987. Os Dragões começaram por bater o Barcelona por 1-2 e qualificaram-se para o jogo decisivo em que defrontaram o opositor da final de Viena: o Bayern de Munique voltou a ser derrotado, desta vez por 2-0, com golos de Semedo e Madjer.



5
O JOGO DO BICHO

A 25 de agosto de 1992 nasceu uma lenda: Jorge Costa estreou-se com a camisola do FC Porto numa partida frente ao Estoril Praia e marcou o único golo da vitória portista por 1-0. Seguiram-se mais 382 jogos, 24 golos e uma coleção impressionante de títulos.



6
OLIMPO AZUL E DOURADO

A 2 de agosto de 1996 disputou-se a final dos 10.000 metros femininos nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Fernanda Ribeiro, atleta do FC Porto, assegurou para Portugal a terceira medalha de ouro na histórias dos Jogos.



7
GARANTIA DE QUALIDADE

Jesualdo Ferreira assinou pelo FC Porto a 18 de agosto de 2006, e nesse dia o clube garantiu um treinador que assegurou qualidade e resultados durante quatro épocas: venceu três campeonatos, duas Taças de Portugal e uma Supertaça, liderou quatro boas campanhas europeias e lançou e desenvolveu várias estrelas.



8
MARCAR POSIÇÃO

A 7 de agosto de 2010, o FC Porto enfrentou em Aveiro uma equipa do Benfica que tinha o moral em alta. Com a vitória por 2-0 (golos de Rolando e Falcao), os comandados de André Villas-Boas marcaram uma posição: naquela temporada, era para levar tudo à frente. E levaram.

PORTO canal

9
LUZES, CÂMARA...

A 1 de agosto de 2011, o FC Porto assumiu o controlo do Porto Canal, que a partir dessa altura se tornou uma estação de um clube, mas também a voz de uma região.



10
VIA VERDE PARA A CHAMPIONS

Há um ano, o FC Porto tinha de enfrentar uma eliminatória difícil, frente à AS Roma, para entrar na Champions. Após um empate em casa (1-1), uma exibição brilhante na segunda mão (0-3) garantiu o carimbo no passaporte azul e branco para a melhor competição do mundo.

ERA UMA VEZ NO MÉXI

Depois de cinco dias no México, a pergunta que se segue acaba por fazer todo o sentido: por que carga de água um ser humano com o mínimo de inteligência pensa fazer um raio de um muro com este país? Esqueçam a visão que Hollywood nos impinge de uma terra de narcotraficantes, gangsters, ruas de terra batida, homens feios e sujos de bigode farfalhudo. O retrato cinematográfico até pode existir, mas o México é muito, muito mais do que isso.

TEXTO: **RICARDO AMORIM**

As mais de duas mãos cheias de horas de voo que nos separam da capital mexicana terminam com a imponente vista ainda lá do céu. Entranhada num vale entre montanhas de cinco mil metros e dois vulcões (um deles em alerta amarelo), perdemos a vista a uma cidade que tem a dimensão geográfica da região de Lisboa, mas onde vive a população de Portugal inteiro. Se aos cerca de dez milhões de pessoas da Cidade do México juntarmos outras tantas na sua área metropolitana, imaginem lá a confusão, o trânsito, a quantidade de prédios, casas, arranha-céus, a poluição, a "movida", a loucura desta cidade.

E foi esta a realidade que recebeu a equipa do FC Porto nesta digressão. Ainda no aeroporto, deu para entender o que nos esperava. Se não vejamos: não será muito normal os funcionários dos serviços de estrangeiros e fronteiras que estão a fazer o controlo dos passaportes pararem o seu serviço para tirarem fotografias com os jogadores, pois não? Mas sim, foi o que aconteceu. Também será pouco habitual os mais variados funcionários do aeroporto interpelarem os jogadores para tirarem selfies e pedirem autógrafos, atrasando propositadamente a saída da equipa. Mas sim, foi o que aconteceu. O resto, a saída para o autocarro, as câmaras, os jornalistas, as pessoas... é fácil de prever o cenário.

O banho de multidão, a energia e simpatia dos mexicanos fazem muito lembrar a essência e o coração aberto dos portuenses. O exemplo até pode ser banal, mas é normal, quando conhecemos uma pessoa e gostamos dela, estarmos no dia seguinte a convidá-la para jantar lá em casa. Os mexicanos são muito assim... quer dizer, alguns não. Aqueles que ficam de trombas quando apenas damos dez por cento de gorjeta, os policias que tentam que pagues uma propina para gravares em espaços

CO

DO MÉXICO AO ALGARVE





Adeptos do FC Porto junto ao Estádio Azul, na Cidade do México

PORTISTAS NO MUNDO - MÉXICO (PROMO)


Sérgio Conceição com Matías Almeyda






Eduardo Ramada, adepto brasileiro do FC Porto



públicos, os taxistas que te endrominam o preço da viagem. Fora isto, são muito Porto!
Na cidade que outrora foi a capital do império asteca, conquistada, saqueada e dizimada pelos espanhóis por altura do ano 1520, quis, quase 500 anos depois, a realidade futebolística venerar um ilustre cidadão da coroa espanhola: Iker Casillas, Príncipe das Astúrias. Os gritos pelo seu nome, a histeria generalizada à porta do hotel ou do estádio do Cruz Azul, não deixaram dúvidas de qual a figura maior e mais mediática do plantel portista. A "febre" Casillas era só diminuída por alguns, poucos, muito poucos: os puristas. Foi o caso de cinco portugueses a trabalhar na capital mexicana, atrás do gradeamento que os separava do autocarro portista parado à frente do velhinho Estádio Azul, onde para se ir para os balneários há que descer 92 escadas e depois fazer o caminho inverso. "Parecemos meninos. Nunca na vida pensei estar a fazer estas figurinhas, mas estamos a adorar", confessavam, enquanto me pediam uma cunha para chamar Sérgio Conceição. Foi o caso do Pedro Heitor e do Frederico Silveira, dois jovens portugueses portistas que nos guiaram pela cidade e com quem gravámos o programa "Portistas no Mundo" do Porto





Canal. E foi o incrível caso de Eduardo Ramada. Brasileiro, nascido e criado no Recife. Neto de um portuense de gema, destacava-se na multidão vestido a rigor: camisola azul e branca e bandeira do FC Porto orgulhosamente desfraldada à volta das suas costas. Vive em Tampico, com a mulher mexicana, e "inventou" uma conferência na Cidade do México para ver ao vivo e estar junto do seu clube do coração. Mas já lá vamos ao resto da história de Eduardo. A pausa é culpa do mais alto responsável do estado português.

Quis a agenda política de Marcelo Rebelo de Sousa coincidir com a presença do FC Porto no México. Quis o hotel do Presidente da República ser ao lado do da equipa portista. Quis Marcelo ir jantar e regressar ao hotel a pé. Quis a coincidência, enquanto eu e o repórter de imagem Rúben Pereira jantávamos nas imediações do hotel, olharmos para a janela e vermos homens vestidos de fato a correr, depois aparecerem câmaras de televisão, jornalistas, ambulâncias, carros blindados, polícia e ali no meio o nosso Chefe de Estado. Depois de informado que o hotel do FC Porto era mesmo ali, quis Marcelo entrar para cumprimentar a equipa, mas não quis o relógio que ambos se cruzassem, pois os jogadores já estavam a descansar nos seus quartos. Mas quis a vontade de Marcelo Rebelo de Sousa prevalecer. Na manhã seguinte, cumprimentou-os um a um.

Voltamos a Eduardo. Lá estava ele à porta do hotel. Dos únicos que não berrava por "Iker, Iker, Iker". Para ele, Casillas ou José Sá é exatamente a mesma coisa: "O que conta é o escudo que trago ao peito", observa. Depois de ter percorrido 500 quilómetros de Tampico para a Cidade do México, quer ir agora a Gualadajara ver o jogo com o Chivas. Arranjei-lhe um bilhete para a partida. Ficou eternamente agradecido. Tem agora oito horas de viagem de autocarro pela frente. Nós seguimos de avião e aposto que, mesmo chegando às cinco da madrugada, no aeroporto vão estar jornalistas e adeptos à espera. Quase que aposto que a loucura vai ser igual à da Cidade do México. Quase que aposto que vamos empatar o jogo com o Chivas e regressar a casa estourados, mas de coração cheio.

BALANÇO OFENSIVO

TEXTO: **ALBERTO BARBOSA**
FOTOS: **ADOPTARFAMA**

Mais de 30 golos marcados entre encontros amigáveis e treinos à porta fechada, e a uma média superior a três golos por jogo, dizem bem do ritmo frenético da pré-temporada que percorreu Portugal do Minho ao Algarve e ainda foi ao México espalhar charme e recolher prestígio antes de encher o Dragão para recordar a Liga dos Campeões de 2004 e golear o Deportivo. O treinador já tinha avisado e voltou a festejar, correr e saltar. Mas, observa, há correções a fazer.

3 de julho

Sérgio Conceição dirige o primeiro treino no Olival, ainda sem poder contar com grande parte dos jogadores internacionais. No final, o treinador vai prevenindo: “Todos têm de trabalhar e justificar a razão por que vestem esta camisola. A exigência é máxima para toda a gente”.



6 de julho

Na primeira grande entrevista concedida na qualidade de treinador do FC Porto, Sérgio Conceição assume a intenção de construir uma equipa “intensa”. Quer ver os jogadores “correr, jogar e festejar como se não houvesse amanhã”. Tal qual ele fazia. A edição de julho da DRAGÕES está online.





7 de julho

É conhecido o calendário da Liga. O FC Porto esteia-se em casa, frente ao Estoril, e termina a participação na edição de 2017/18 em Guimarães, defrontando o Vitória. Os Dragões ficam também a saber que o primeiro clássico da prova não se joga sem eles: o Sporting-FC Porto fica marcado para a oitava jornada.



8 de julho

O FC Porto empata com a Académica no primeiro jogo-treino da época, disputado no Olival. Soares e Galeno apontam os dois golos dos Dragões.



9 de julho

Depois da apresentação nas redes sociais, o FC Porto passa os novos equipamentos no cenário ímpar da Ribeira do Porto. Ao jogo de luzes e cor, Diana Martínez & The Crib, Souls of Fire, DJ Sininho e DJ Gustavo acrescentam a música, num espetáculo em que os jogadores do FC Porto, que servem de manequins, ditam o ritmo da passagem da coleção 2017/18 da New Balance.





15 de julho

A equipa parte para o México para participar na SuperCopa Tecate e leva Vaná, guarda-redes que deixa o Feirense para assinar um contrato de quatro épocas com o FC Porto. Herrera, Layún e Reyes juntam-se ao grupo à chegada da comitiva à Cidade do México e a tempo de participar no treino realizado no Estádio Azul.



17 de julho

No primeiro jogo da digressão mexicana, o FC Porto empata a zero em casa do Cruz Azul. Depois de criar mais e melhores oportunidades do que o adversário ao longo dos 90 minutos, acaba por perder (3-2) no desempate por grandes penalidades. Só Sérgio Oliveira e Herrera convertem os penáltis para o FC Porto.

12 de julho

Ao nono dia de pré-temporada, o FC Porto vence o Rio Ave por 4-0. Corona, Aboubakar, João Teixeira e Galeno marcam os golos do jogo-treino realizado à porta fechada no Olival.









24 de julho

A equipa parte para Lagos, no Algarve, onde tem à espera um estágio de seis dias com um jogo amigável frente ao Portimonense pelo meio.



19 de julho

Já em Zapopan, na área metropolitana de Guadalajara, o FC Porto chega à vantagem por Aboubakar e amplia-a através de Otávio, mas permite a recuperação do Chivas na segunda parte, depois de várias alterações no onze e da transformação manhosa de um livre pelo campeão mexicano. O jogo termina empatado a dois golos e os dois treinadores, em tempos companheiros de equipa em Itália, prescindem dos penáltis depois de um mal-entendido com o árbitro.

23 de julho

O FC Porto vence o Vitória por 2-0 e ergue o Troféu Cidade de Guimarães, mesmo jogando em inferioridade numérica durante 38 minutos, devido à expulsão de André André. Aboubakar e Soares marcam no Estádio D. Afonso Henriques, onde, no final, Sérgio Conceição acrescenta que os jogadores "têm sido fabulosos".





27 de julho

O FC Porto ganha ao Portimonense por 5-1, em novo jogo de preparação, disputado no Estádio do Algarve. Soares, Aboubakar, Brahimi (2) e Hernâni são os marcadores de serviço dos azuis e brancos. "Quem tem espírito ganhador quer ganhar sempre e estes jogos também são para ganhar", diz Sérgio Conceição no final do encontro. "Estamos a crescer", acrescenta Brahimi.

26 de julho

Mais um jogo-treino, mais uma vitória. Em Lagos, o FC Porto goleia o Lusitano de Vila Real de Santo António por 5-0. Marcam Sérgio Oliveira, Rui Pedro, Aboubakar (2) e Soares.



30 de julho

O FC Porto apresenta o novo autocarro da equipa, de dois andares, última geração e adaptado pela MAN às necessidades específicas de uma equipa de futebol de alta competição. Com cozinha e sala de reuniões no piso inferior, no andar superior do NEOPLAN Skyliner sobressaem as cadeiras individuais topo de gama, além do equipamento wi-fi e o sistema multimédia. A imagem gráfica exterior tem a marca de Bruno Sousa, photoshopper e adepto portista.





30 de julho

Mais de dois meses depois desde que na penúltima jornada da época passada recebeu o Paços de Ferreira, o Estádio do Dragão abre as portas para esgotar a lotação e aplaudir os jogadores, apresentados e ovacionados um a um, do número 1 ao 33, a começar em Iker Casillas e a acabar em Rui Pedro. O rapper Mundo Segundo e, mais tarde, Nuno Norte animam as bancadas.



2 de agosto

O FC Porto começa o dia a ganhar ao Paços de Ferreira por 4-1, em jogo-treino disputado à porta fechada no Olival. Marcam Aboubakar, Rui Pedro, Brahimi e Marega. À noite, já em Barcelos, os Dragões vencem o Gil Vicente por 3-1, com um "hat-trick" de Soares. No final, o goleador diz que a equipa está preparada para o arranque da Liga e Sérgio Conceição faz um balanço "muito bom" da pré-temporada, mesmo admitindo que "há correções para fazer".

30 de julho

Aboubakar bisa e Corona e Marega completam a goleada (4-0) aplicada ao Deportivo da Corunha, adversário do jogo de apresentação e velho conhecido da trajetória para Gelsenkirchen, onde o FC Porto venceu a Liga dos Campeões em maio de 2004. Sérgio Conceição elogia a evolução da equipa e diz que tem "um grupo fantástico". Aboubakar assume o "grande prazer" de voltar a jogar no Dragão, enquanto Corona reforça as "boas sensações" proporcionadas pela pré-temporada. Marcano promete "paixão" e "vontade".



CAL refinado


Portista com nome de escritor, também serviu o clube através da palavra


Cal era ecléctico e, além do futebol, praticou ténis, atletismo e boxe

Alexandre Herculano da Cal foi um portista convicto e com muita força na caneta. Há 90 anos, o clube fez dele o primeiro treinador português da equipa principal de futebol azul e branca.

TEXTO e FOTOS: :**MUSEU FC PORTO**

No final de fevereiro de 1927, Akós Teszler trocou uma vida de veneração no clube por outros sonhos nos Estados Unidos da América. O húngaro tinha entrado para a história pouco menos de três anos e meio antes, quando se tornou o primeiro técnico a trabalhar sob contrato para um clube desportivo em Portugal. Na Constituição, Teszler reconstruiu o jogo e a estrutura do futebol portista, introduzindo muitas linhas da emergente e empolgante escola magiar – resultando, entre outros títulos, na conquista do Campeonato de Portugal de 1924/25.

Akós Teszler foi também herdeiro e promotor de grandes talentos portistas que as gerações das primeiras décadas do século passado ofereceram à história do clube e do futebol nacional. Entre eles, o eclético Alexandre Cal sobressaiu como um avançado admirado pela competência em campo e respeitado no balneário pelo sentido de liderança de grupo. Cal tinha uma atração pelo conhecimento profundo das modalidades que praticava (atletismo, boxe, ténis e futebol) e os estudos a que se dedicou resultaram em livros transmissores de opinião, informação e aconselhamento.

As origens desportivas de Alexandre Cal residiram no FC Porto – a exemplo dos irmãos Vítor Hugo da Cal e João Gonçalves da Cal –, onde o contacto com o treinador francês Adolphe Cassaigne lhe permitiu tocar a fama e os troféus dos títulos mais cobiçados à época, como o Campeonato de Portugal de 1921/22, a primeira prova oficial nacional de sempre. Depois, chegou Teszler, em 1923, e Cal refinou ainda mais o conhecimento.

Embora desaparecendo do 1.º grupo de futebol (a chamada equipa principal) a partir de 1924 – por razões, muito provavelmente, relacionadas com atividades profissionais (empresário e jornalista) –, Alexandre Cal não suspendeu a ligação à modalidade dentro do clube. Passou a representar a 2.ª equipa, mas continuou a trabalhar com Akós, cujas responsabilidades de supervisão eram transversais a todos os escalões do futebol.

A saída de Teszler fez alguma mossa, mas não precipitou o FC Porto numa crise. Cal estava disponível e tinha o conhecimento interno e técnico necessário para assegurar a continuidade e, sendo portista nato, a consistência da escolha tornava-se indiscutível.

Assim chegou este grande Alexandre à responsabilidade de orientar a equipa principal

de futebol do clube até ao final da época de 1927/28. Foi desejo (expresso em ata de Direção) do FC Porto estender essa ligação, mas Cal não quis ser muito mais do que uma mera solução transitória. Em fevereiro de 1928 já manifestava, por carta enviada ao clube, o desejo de entregar a pasta, e só um dos elementos da Direção votou contra uma tentativa de o demover. Desse esforço sobra o facto: Alexandre Cal sairia mesmo e, no verão desse ano, chegava à Constituição outro húngaro histórico, Joseph Szabo.



Alexandre Herculano da Cal foi avançado do FC Porto antes de ser treinador

COMBATER VELHOS HÁBITOS

Em páginas de "O Primeiro de Janeiro" de 17 de abril de 1920, a publicação de uma carta endossada pelo futebolista (avançado) Alexandre Cal àquele diário portuense abanou consciências. Dias antes, em Lisboa, o FC Porto tinha defrontado o Império e vencido (3-2) o Benfica.

"Eu não viria de modo algum falar neste assunto se a 'Imprensa Desportiva' da Capital pusesse um pouco de parte o seu facciosismo. (...) Os jornais que têm a sua 'secção desportiva', e que pelo menos costumam anunciar aos seus leitores os resultados dos desafios, deixaram desta vez de o fazer, excepto um, que falou do resultado do primeiro desafio, mas não disse a expressão da verdade. Com efeito, o FC Porto não perdeu (2-0) com o Império (...)", observou Cal.

"O jogo entre o FC Porto e o Império não chegou a terminar porque o público, indignado, principalmente com a arbitragem, incitou os jogadores a abandonar o campo, sendo este logo a seguir invadido pela assistência, não consentindo que o jogo continuasse e aclamando com entusiasmo os jogadores portuenses, sendo até o guarda-redes levado ao colo pela multidão", fez notar.

Sobre o 3-2 com o Benfica: "Este resultado não veio em nenhum jornal dos que mantêm 'secção desportiva'. A razão deste silêncio? É simples: Lisboa, em futebol, há dez anos ou mais que estava habituada a vencer o Porto, conseguindo quase sempre mais ou menos fáceis vitórias. Este ano, o Porto quis vencer e venceu, e para isso trabalhou com vontade, desfazendo assim a ideia que muitos tinham, de ser impossível, tão cedo, o Norte triunfar frente ao Sul".

Cal carregou mais na ferida. "Quanto aos jornais desportivos, um deles (...) limita-se a fazer uma pequena apreciação que por acaso não condiz nada com o título, e essa mesmo feita em tipo pequeno, como que a ver se passava despercebida. Inclusivamente, em lugar de dizer o FC Porto vence o SL Benfica, diz: o team do Porto vence o SL Benfica", observou, com mais um sublinhado: "O grupo que foi a Lisboa é composto única e exclusivamente de elementos do FC Porto, e não com alguns do Oporto Cricket Club, como um jornal da capital fez constar, talvez por más informações".



O FC Porto vencedor do Campeonato de Portugal de 1921/22

CAVALHEIRO COM QUEDA PARA O SOCO

A vida de Alexandre Cal dentro do FC Porto também tocou as responsabilidades do dirigismo sobre a parte final da presidência (1917-1920) de Henrique de Mesquita. Foi uma experiência acumulada com a carreira desportiva do jovem Cal, e era nas modalidades que praticava que Alexandre preferia muito mais colocar todo o seu portismo. O futebol encheu-lhe as medidas, mas o ténis também o consagrou como atleta e cavalheiro da elite do FC Porto e da cidade, onde os ingleses radicados eram forte concorrência. O atletismo e, sobretudo, o boxe foram outras paixões de Alexandre Cal. Tinha queda para o soco (desportivamente) e ficou ligado à modalidade como treinador e empresário, cruzando-se assim com o célebre Santa Camarão, que até viria a conquistar Hollywood (anos 1930).

"DECA" NO REGIONAL

A época de Alexandre Cal como treinador do FC Porto foi pontuada pelo sucesso no Campeonato Regional de 1927/28, quando esta prova ainda se batia ombro a ombro em importância com a única competição nacional: o Campeonato de Portugal, disputado em modelo de eliminatórias. O título no torneio da AF Porto acentuou a hegemonia portista – foi o 13.º do clube e o "deca" de uma série de 21 consecutivos, conquistados de 1918/19 a 1938/39. Boavista, Salgueiros, Progresso e Candal discutiram esse Regional com o FC Porto em nove jornadas. No final, a classificação resumiu assim o domínio azul e branco: primeiro lugar, com 38 golos marcados e 11 sofridos em nove vitórias. Acácio Mesquita e Waldemar Mota dividiram a melhor pontaria entre os portistas, cada um com 10 golos marcados. Já a participação no Campeonato de Portugal foi um paradoxo do comportamento na prova de calendário regular. Depois de um tratamento de choque ao Vila Real (13-1), o afastamento (demasiado precoce) aconteceu logo na eliminatória seguinte frente ao Salgueiros (derrota por 2-1, golo portista marcado pelo defesa Avelino).



"O PILAR DE UMA EQUIPA DE ANDEBOL É UMA BOA DEFESA"

Lars Walther

Coletivismo, paciência, disciplina, estabilidade e comunicação são alguns dos conceitos essenciais da filosofia que Lars Walther pretende implantar no FC Porto. O treinador, que não esconde o "orgulho" por ter assinado pelos Dragões, espera acrescentar títulos ao palmarés do clube, mas partilha responsabilidades: tudo o que for conquistado sê-lo-á graças à união do grupo e não se irá "começar do zero", porque há muitas ideias a aproveitar da época passada. E até o público do Caixa é convocado, já que "o oitavo jogador" pode "realmente fazer a diferença entre perder e ganhar".

ENTREVISTA DE **JOÃO PEDRO BARROS**
FOTOS: **ADOPTARFAMA**

Como recebeu o convite do FC Porto? Era uma equipa que costumava ver jogar?
Sim, tinha visto alguns jogos e tive contactos com um dos vossos rivais. Acompanhei a decisão do campeonato e sabia que algo podia acontecer. O meu agente chegou a falar com o Sporting, mas estou muito feliz por estar aqui e a cidade parece-me fantástica. Depois de ter visitado o Museu e visto a história do FC Porto, qualquer um fica orgulhoso por trabalhar aqui. Quando estive na Polónia as cores também eram o azul e branco e julgo que são boas para mim [risos]. Tenho muito orgulho em envergá-las.

Já que fala no seu período na Polónia, ao serviço do Wisła Płock, clube em que agora joga os ex-Dragão Gilberto Duarte: foi o momento mais alto da sua carreira?
Sim, em 2011, quando ganhei o campeonato polaco. Foi a primeira vez em muitos anos que o Wisła ganhou ao Kielce e a verdade é que não se repetiu. Foi algo fantástico e é um grande clube em termos de infraestruturas. Foram três anos especiais.

Regressemos ao FC Porto. Falou do Museu, o que representou para si a visita?
Já sabia que o FC Porto era um clube grande na Europa e que houve muitos treinadores de nível mundial a trabalhar aqui, como José Mourinho, Bobby Robson, Artur Jorge... No Museu podemos ver a dimensão do clube e o lado emocional. É uma grande responsabilidade representar um emblema com esta história e espero poder trazer mais alguns títulos.

O facto de já ter jogado em Portugal, no Sporting, em 1987/88, e no Marítimo, entre 1994 e 1996, foi importante para aceitar o convite?
Falo um pouco de português e aos poucos a língua começa a voltar. Saí há 21 anos, por isso preciso de voltar a aprender a pensar na vossa língua. Consigo fazer os treinos já em português, para conversas um pouco maiores preciso de praticar, mas acho que o vou conseguir muito depressa. Sim, é importante ter algum conhecimento do andebol em Portugal, conheço muitos jogadores do FC Porto e dos outros clubes e tem havido um grande desenvolvimento nos últimos anos. Há três anos estive na Maia como formador, num seminário, e participei em treinos com equipas portuguesas e falei com alguns treinadores. Comecei a pensar que poderia ser bom voltar a Portugal – esquecemo-nos de como era a vida cá e de como a comida é fantástica!

O FC Porto perdeu o campeonato, nos últimos dois anos, de uma forma algo dura, depois de dominar a fase regular. Um dos seus objetivos é também, até psicologicamente, deitar isso para trás das costas?
Já vi muitos jogos da última época. Creio que temos de trabalhar com paciência e disciplina, na defesa e no ataque. Precisamos de ter mais estabilidade e defender de forma mais compacta. A equipa defendia mais individualmente, o que dava espaço aos atiradores, e, depois, os guarda-redes nem sempre estão num grande dia. Às vezes uma equipa não joga bem, mas pode ganhar na mesma se tiver esta estabilidade, paciência e disciplina.

A defesa é a prioridade das prioridades?
Acho que o pilar de uma equipa de andebol é uma boa defesa, porque se defendemos bem podemos fazer golos fáceis em contra-ataque. Uma má defesa faz perder jogos que deveríamos ganhar. Isso tem a ver com estabilidade, teremos mais

"Às vezes uma equipa não joga bem, mas pode ganhar na mesma se tiver esta estabilidade, paciência e disciplina"

movimento na defesa, mais regras na defesa e no ataque e poderemos minimizar os nossos erros. E isso aumenta as nossas hipóteses de ganhar.

É uma filosofia que se aproxima da de Ljubomir Obradovic, que treinou o FC Porto durante seis anos e foi sempre campeão.
Sim, também vi alguns jogos da época dele e fez um trabalho fantástico. Se olharmos para a defesa dessa época, ela é muito similar à que idealizo. Iremos recuar um pouco para o que se fazia nessa altura.

A prioridade será certamente o campeonato nacional, mas até onde pode o FC Porto ir na Europa? Para já, na segunda eliminatória da Taça EHF, o adversário será o Volendam (Holanda) ou o Ohrid 2013 (Macedónia).
O sorteio foi positivo. Havia adversários mais fortes e poderia ter sido uma viagem mais longa. Já vi alguns jogos do Volendam mas creio que a equipa macedónia tem 70 por cento de hipóteses de passar. Vamos jogar com eles e vamos ganhar!

O primeiro objetivo é chegar à fase de grupos?
Sim, depois temos de ver jogo a jogo. Também tem a ver com sorte, porque entre os nossos possíveis adversários na terceira eliminatória há boas equipas, como Granollers, Saint-Raphael, Göppingen, Füchse Berlin... Na fase de grupos, tudo é possível.

> "Não iremos ganhar nada devido a qualidades individuais, mas sim por sermos uma equipa"



"TEMOS DE MANTER AQUILO QUE FUNCIONA"

Como está a ser esta pré-época?
A primeira semana foi muito física, o Tiago Cadete [preparador físico] trabalhou bastante e foi muito duro para os jogadores. Já comecei a implementar a minha filosofia, a maneira como vamos jogar e, lentamente, começámos com trabalho tático. O nosso objetivo na pré-época é ganhar sempre, mas o mais importante é que joguemos como eu quero. Não importa se perdermos alguns jogos, porque temos de construir uma primeira imagem e todos têm de participar nisso. Os jogadores terão muita responsabilidade no trabalho – sou escandinavo, somos mais abertos. Os jogadores não se podem esconder, têm de ser uma parte ativa e importante da equipa. Não iremos ganhar nada devido a qualidades individuais, mas sim por sermos uma equipa.

Como caracteriza o andebolista português?
Temos de usar as qualidades de quem cá está. Não pretendo que joguemos como uma equipa dinamarquesa, quero retirar o melhor de cada um, porque há muitas coisas boas para aproveitar: especialmente em situações de um contra um, o que vi é ótimo. Em termos físicos não acho que haja uma diferença assim tão grande com outros países: o plano físico do Tiago é muito bom e próximo do que se faz na Alemanha.

É importante para si manter três elementos que vêm da equipa técnica da época passada?
Sim, temos de manter aquilo que funciona. Vi três ou quatro sistemas que continuaremos a usar esta época e vamos construir algo mais sobre essa base. Não vamos começar do zero, só temos de ajustar alguns aspetos e encontrar um equilíbrio para conseguir os nossos objetivos.

Treinou na Dinamarca, Alemanha, Eslovénia, Itália, Polónia, Roménia e Suíça. Aprendeu coisas úteis em todos os países?
Sim. Tento retirar as coisas boas de todos os lugares e pôr de lado as más. Esta experiência dá-me alguma vantagem, porque estou habituado a trabalhar com muitas culturas diferentes.

Vai treinar um plantel jovem e tem a tradição de criar laços com os jogadores...
Falo muito com eles. Se um jogador quer falar comigo, as coisas ficarão sempre entre nós. Temos de falar abertamente sobre tudo, com





respeito. As coisas não são como há 20 anos, em que se tinha de ser duro com todos os jogadores. Agora, a maior parte deles está aqui porque adora o jogo e quer ter um futuro. A abertura e a comunicação são essenciais.

A avaliar pela nossa conversa, não terá muitos problemas em adaptar-se ao andebol e à vida em Portugal.
Sim e, para além disso, julgo que não podemos dizer que em Portugal se joga de uma determinada maneira. Também conheço o selecionador nacional, o Paulo Jorge Pereira, e acho que é um excelente treinador, muito moderno. A seleção não joga andebol tipicamente português, tem um estilo internacional, e creio que é por esse caminho que todos queremos ir.

Quando chegou a Portugal nos anos 1980, houve algo que o tenha surpreendido particularmente?
Lembro-me de ter ido jogar a Braga e de os adeptos atirarem pedras ao autocarro. Tinha 21 anos e nunca tinha visto nada assim. Lembro-me que um dos jogadores de então, o João Miranda, disse aos outros para olharem para mim, porque estava de boca aberta. Foi uma grande surpresa em termos culturais, mas entretanto também já vi esse tipo de rivalidade na Polónia. Já percebi que nos jogos aqui os adeptos são fantásticos e mal posso esperar por sentir essa atmosfera no pavilhão. O público é o oitavo jogador e pode realmente fazer a diferença entre perder e ganhar. Na Dinamarca e Alemanha as pessoas não são tão emocionais.



O TREINADOR QUE DISSE TRÊS VEZES NÃO

Lars Walther tem 51 anos e, para além de ter jogado no país natal, a Dinamarca, e em Portugal, ainda esteve na Alemanha e na Islândia, num total de oito clubes. Foi precisamente na Alemanha, ao serviço do Emden, que o então lateral direito sofreu uma lesão grave no ombro e terminou o percurso como jogador e iniciou o de técnico, como adjunto. Ainda assim, nada fazia prever que o futuro estaria no banco. "Em 2001, telefonaram-me do Virum Sorgenfri, da Dinamarca, que nessa altura era uma boa equipa, e perguntaram-me se queria ser treinador. Disse que não três vezes, mas os diretores insistiram que eu fosse a Copenhaga falar com eles. A verdade é que fui até lá e entretanto passaram 18 anos... Ainda bem que me convenceram, porque adoro ser treinador de andebol, mas não pensava nisso", recorda.

Como treinador, o FC Porto é o seu 11.º clube, depois do Virum-Sorgenfri (2001/02) e ROAR Roskilde (2002/04), da Dinamarca, Flensburgo (2004/05), Eintracht Hildesheim (2006/07) e Emsdetten (2008/10), da Alemanha, Velenje (2005/06), da Eslovénia, Conversano (2007/08), de Itália, Wisła Płock (2010-2013), da Polónia, Minaur Baia Mare (2014/15), da Roménia, e Kadetten Schaffhausen (2015-2017). Soma três títulos de campeão nacional (na Polónia, em 2011, na Roménia, em 2015, e na Suíça, em 2016) e duas taças nacionais, na Roménia (2015) e Suíça (2016). Em 2011, foi treinador do ano na Polónia.

FC PORTO
PARTNERSCLUB

DE VENCEDOR PARA VENCEDORES
FROM WINNER TO WINNERS

MAIN

- MEO
- Super Bock
- new balance
- revigres

PREMIUM

- Coca-Cola
- FIDELIDADE
- FERPINTA
- BPI
- Vitalis
- AMORIM
- PEDRAS
- ibersol grupo
- Suits Inc
- Gestifute
- REPSOL
- dreamMedia
- SPORT TV
- Liberty Seguros
- BANCO BMG
- SAFIRA
- PROZIS
- Brasmar
- SOLVERDE

BUSINESS

- BIZSUPORTE
- Cerealis
- APM
- Jornal de Notícias
- EMPRIL
- IMPRESA
- vodafone
- RECHEIO
- AMP
- EURONETE
- SAK
- MAN
- ROMAFE
- Simoldes
- CIN
- Smurfit Kappa
- mbit
- marque tdi
- Secur.Net
- JS Transportes
- MAPRIL
- JTM
- meireles
- Proprietários do Campo da Constituição
- DESICOR
- UVPLAST
- gertal
- EXCLUSIVKEY
- MASS
- EXAKTUS
- DELTA
- EPOCA
- up
- JACQUET
- MARTIFER
- etiquel
- greenbus
- MESTRE DA COR
- Flormar
- iberoftal
- valpi
- ROFF
- britoiberica
- OLÁ

FC PORTO PARTNERSCLUB

DE VENCEDOR PARA VENCEDORES
FROM WINNER TO WINNERS

EXECUTIVE



"TEMOS MUITAS SOLUÇÕES MAS O PLANO A CHAMA-SE GUSTAVO VELOSO"

A edição de 2017 da Volta a Portugal está na estrada e, numa jogada de antecipação, a DRAGÕES foi saber o que se pode esperar da formação da W52-FC Porto-Mestre da Cor na 79.ª edição da mais importante prova velocipédica nacional, que de 4 a 15 de agosto irá percorrer parte das estradas do país. E podemos desde já adiantar que gostámos do que ouvimos: Nuno Ribeiro, o diretor desportivo, não quis perspetivar outro cenário que não seja o de um triunfo de um dos oito corredores que escolheu para irem à luta, ainda que o discurso ambicioso não lhe retire o necessário respeito pelos adversários e pela prova em si. O ex-ciclista confirmou também que a sua equipa tem um líder claro e um plano A para executar, mas que mais do que tudo, e tal como aconteceu no ano de 2016, quer ver um dos seus ciclistas subir ao pódio em Viseu com a tão desejada camisola amarela.

ENTREVISTA DE **RUI CESÁRIO SOUSA**
FOTOS: **ADOPTARFAMA**

Como está o nível de preparação da equipa?
A equipa está bastante bem. Até ao momento fez uma época excelente e agora estamos numa fase de concentração máxima e de preparação para a Volta a Portugal. Estivemos em estágio, a trabalhar duro, e nos dias antes da prova tivemos uma semana de descanso de forma a chegarmos nas melhores condições ao primeiro dia de prova. Há ciclistas que nestas últimas semanas antes da Volta fizeram um tipo de treino muito intenso e por isso descansaram alguns dias. Obviamente que continuaram a trabalhar, mas com um plano de treino com um impacto menos significativo, com menos intensidade. É preciso chegar fresco ao primeiro dia de competição.



o máximo de três semanas até chegarmos àquela semana em que temos um período mais leve. Depois disso resta-nos encarar esses 1626 quilómetros da melhor forma possível.

E esse treino varia com os objetivos de cada ciclista?
Depende muito das características de cada um, da idade ou até da época que têm vindo a fazer. Há ciclistas que já levam muitos quilómetros de competição e nesta fase não podemos sobrecarregá-los tanto. Desta forma acabam por ser treinos coletivos, mas ao mesto tempo individuais. Depois também depende do ponto de partida de cada um. Há uns que no início do treino estão em melhor forma do que outros e por isso há sempre quem tenha que fazer trabalho extra.

Partir para a defesa da liderança da camisola amarela, da verde e da classificação coletiva é uma pressão extra?
O nosso objetivo está apenas na amarela. Essa á a única camisola em que pensamos à partida. Logicamente que, se a equipa estiver forte e andar muito tempo na frente, as outras acabam naturalmente por aparecer, quer a coletiva, quer a dos pontos. E se isso acontecer vamos tentar defender ao máximo essas classificações.

É por isto que esperam todo o ano?
Penso que sim. Quando construímos uma equipa como esta no início do ano, o objetivo é só um: vencer a Volta a Portugal. Nesta equipa temos esse objetivo e neste clube temos essa obrigação. Temos essa ambição e queremos estar nessa discussão. Ainda assim penso que a época até aqui tem sido muito boa, pois temos tido hipótese de lutar pela vitória noutras provas importantes. É sempre a isso que nos propomos: defender as cores deste clube e respeitar as organizações.

Como está a cabeça de um ciclista nesta fase?
Está completamente concentrada nos objetivos, quer individuais, quer coletivos. O meu objetivo, e o de todos, é ter uma equipa forte e isso só se consegue com o melhor de cada um.

A edição da Volta deste ano tem 1626 quilómetros distribuídos por 11 dias. Que trabalho é feito para os preparar?
Na fase mais intensa do treino os ciclistas fazem um trabalho em que percorrem entre 900 a 1000 quilómetros por semana. Este ritmo de treino é mantido durante

Olhando para o perfil das etapas que já conhecemos, vemos que há apenas duas chegadas em alto. Acha adequado este desenho da prova?
Acho que pode privilegiar o espetáculo, já que teremos que ter sempre uma equipa mais forte para conseguir defender um eventual portador da camisola amarela. Nas chegadas em alto a equipa



limita-se a controlar até ao início da subida e depois o líder defende-se por si. Já quando a montanha é ultrapassada e ainda há 60 ou 70 quilómetros para andar, torna-se mais difícil, porque se o líder ficar sozinho tudo se torna muito complicado.

E não ter uma chegada na Torre não rouba uma das etapas-rainha à prova?
Sim, é verdade que a Volta a Portugal ao longo destes anos ficou muito marcada pelas subidas à Torre. São chegadas míticas. Basta lembrarmo-nos do espetáculo que foi no último ano essa etapa, que esteve longe de se limitar à subida final. Deve haver a maior variedade possível de etapas, de forma a agradar a um número maior de pessoas.

Por falar em espetáculo e indefinição, isso é uma dor de cabeça para os diretores desportivos?
Sabemos sempre em que nível se encontram os nossos ciclistas. Por isso, penso que a maior dor de cabeça que podemos ter é tentar perceber em que nível estão os nossos adversários. A partir daí, quando essa indefinição passar a definição, passamos à fase em que quem quer ganhar tem que se assumir. A partir daí, deverá ser capaz de controlar todos os focos da corrida.

E essa triagem é feita quando?
Costumo dizer a todos os ciclistas que se pode perder a Volta todos os dias, mas só se pode ganhá-la em dois ou três. Há muitas coisas que podem acontecer ao longo de 11 etapas. No caso deste ano, creio que o prólogo já vai marcar algumas diferenças entre alguns ciclistas e depois será preciso esperar pelo dia da subida à Senhora da Graça. Vai ser aí que os principais candidatos se vão assumir, alguns vão ganhar tempo e outros vão perder. Haverá uma corrida diferente a partir daí.

Olhando só para a teoria, acha possível repetir-se o cenário do ano passado em que a camisola amarela ficou decidida numa etapa de transição?
No ano passado ganhámos a Volta nessa etapa, mas quem a perdeu foram as outras equipas. Como digo, todos os dias são importantes e em todos se pode perder. Nesse dia optaram por deixar chegar uma fuga e para nós tornou-se tudo mais fácil a partir desse momento.

Quando se olha para a equipa, vemos nomes como Raúl Alarcón, Rui Vinhas, Gustavo Veloso ou Amaro Antunes. Há espaço para todos brilharem em apenas 11 dias?
A estratégia para cada um deles foi delineada ao longo do ano e não foi só a pensar na Volta a Portugal. Todos eles tiveram espaço para brilhar ao longo do ano. Todos fizeram resultados excelentes e têm feito uma época muito boa. É claro que temos um líder na Volta, que é o Gustavo, e depois temos o Vinhas, que vai sair justamente com o dorsal número um. Depois temos o Raúl e o Amaro, com quem contamos para estar na luta pela corrida. Temos muitas soluções para que possamos pensar em ganhar, aconteça o que acontecer. Mas, para já, o plano A chama-se Gustavo Veloso.

Quer então dizer que ao longo do ano há momentos para todos?
É óbvio que os ciclistas e as equipas têm que estar na máxima força na Volta, mas se olharmos para o percurso brilhante do Raúl ou do Amaro até aqui, a verdade é que chegam lá sem a necessidade de ter que provar o seu valor. Tiveram o ano todo a equipa a trabalhar para eles e as coisas correram muito bem. Agora é normal que os papeis se invertam um pouco, ainda que eles estejam preparados para lutar pela amarela, dependendo das circunstâncias. Montámos a equipa a pensar em dois segmentos de corredores: os que vão para a frente da corrida e que vão lutar por vitórias nos momentos decisivos, e os que vão fazer de tudo para que os líderes cheguem nas melhores condições a essa fase.

Sente que, como diretor desportivo, tem todas condições para responder a todas as situações de corrida?
Sinto que sim, que tenho equipa e que durante o ano fizemos um trabalho excelente para manter todos os ciclistas motivados para que não chegassem à Volta com a necessidade de resolver a época. E assim torna-se mais fácil, até porque todos encaram a prova de uma maneira diferente.

E, independente dos nomes, a equipa continua a estar acima de todos?
Claro, e essa é mesmo uma das mais-valias que nós temos. O espírito de grupo e a união estão muito presentes em todos e penso que



esse é mesmo o ponto mais forte. Para mim, tal como ficou provado no ano passado, interessa-me é que ganhe um ciclista do FC Porto.

Fale-nos um pouco sobre a sua função durante a corrida: que decisões são tomadas ali dentro do carro?
A estratégia da equipa e de cada corredor já estão previamente definidas na partida para a etapa. Todos levam a lição bem estudada, digamos assim. O que se faz ali dentro é corrigir situações de imprevistos de corrida, o que não é muito difícil. Do carro comunicamos com os ciclistas e vice-versa, via rádio. Mas só mesmo um grande imprevisto nos obriga a tomar decisões ou a mudar tudo ali dentro do carro.

Em algum momento consegue usufruir da corrida?
Há momentos em que sim. Talvez nas etapas de montanha, em que vamos mais devagar e conseguimos ter um contacto mais direto com o público. Mas nesses dias também são os momentos das decisões e aí o nervosismo acaba por tomar conta de nós. Só mesmo quando as coisas vão muito controladas é que consigo abstrair-me de tudo.

Quando olha para a concorrência, de onde acha que pode vir o maior perigo?
De todas as equipas. Todas têm um ou dois ciclistas com capacidades e com o objetivo de estar na discussão, em especial as portuguesas. Quanto às estrangeiras, não sabemos tão bem como se vão apresentar ou o nível que vão ter, mas penso que todas podem constituir ameaça. Claro que o Sporting, com o Nocentini e o Marco, pode causar danos, tal como a EFAPEL, com o Sérgio Paulinho, ou o Boavista, com o João Benta, o Rui Sousa ou o Edgar Pinto.

Sonhar com um pódio só com ciclistas do FC Porto seria pedir de mais?
Não é o mais importante. O importante é ganhar e depois logo se vê. Isso só irá suceder se a equipa estiver bem, mas é difícil pensar nisso. O que interessa é a classificação individual e coletiva.

"FALHAR NA VOLTA É COMO PERDER O CAMPEONATO"

Pensar em outra coisa que não seja num triunfo na Volta a Portugal não passa pela cabeça do diretor desportivo. Os resultados da equipa até ao mês de agosto têm superado as expectativas, sobretudo a nível internacional, mas, para Nuno Ribeiro, um eventual falhanço na principal prova do calendário nacional seria muito desapontante. E apressou-se a traçar um paralelismo que poderá ser facilmente entendido: "Falhar na Volta a Portugal é como a equipa de futebol falhar a conquista do campeonato. Podemos ganhar todas as taças e muitos jogos importantes, mas falhar a conquista do mais importante título, aquele para o qual trabalhamos mais tempo, acaba sempre por deixar uma sensação de inquietação", admitiu.

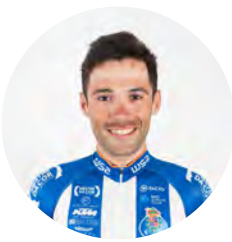
Deixando um pouco de parte a Volta, e olhando para o que foi feito até aqui, parece claro que há margem para uma aposta na internacionalização. Concorda?
Concordo. É um pouco esse o nosso objetivo e penso que aos poucos vamos tentando cumpri-lo. Temos muita qualidade, temos um conjunto de ciclistas de grande nível e, se tivéssemos orçamento para correr mais no estrangeiro, íamos fazer coisas muito interessantes, como já ficou provado. Para isso teríamos que ter mais ciclistas e encarar a época de maneira diferente, mas íamos certamente fazer coisas muito bonitas.

Pensar numa eventual participação na Vuelta é impossível a médio prazo?
Para subir de escalão somos obrigados a ter mais dois ciclistas. Mantendo a qualidade que já temos e, caso fosse possível, contar mais dois, sinceramente penso que seria possível fazer a Volta a Portugal e a Volta a Espanha no mesmo ano e estar bem nas duas. Primeiro, é preciso primeiro ter orçamento, depois subir de categoria. Depois do primeiro ano tudo se tornava mais fácil.

Era também uma boa montra para o ciclismo português, para a equipa e para o clube...
Era bom para todos. Para a equipa, para o clube e para todos os patrocinadores que estão associados a este projeto.

EM EQUIPA QUE GANHA NÃO SE MEXE... MUITO

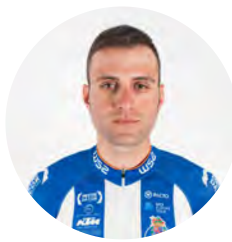
Face a 2016, Nuno Ribeiro promoveu apenas uma alteração no lote de oito ciclistas que vão alinhar na Volta a Portugal. Com a saída de Rafael Reis, Amaro Antunes junta-se ao grupo de oito portistas que se fazem à estrada na 79.ª edição da Volta a Portugal.



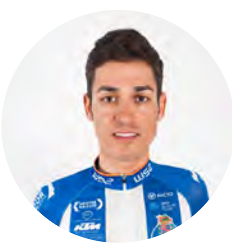
Rui Vinhas
classificação em 2016 - 1.º



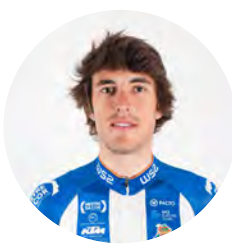
Gustavo Veloso
classificação em 2016 - 2.º



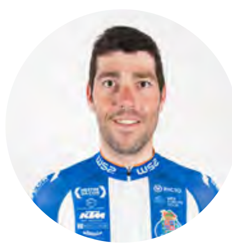
Raúl Alarcón
classificação em 2016 - 4.º



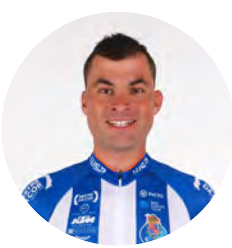
Amaro Antunes
classificação em 2016 - 6.º
(pela LA Aluminios - Antarte)



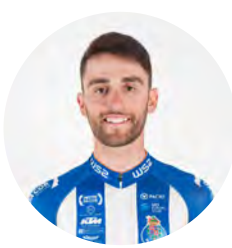
António Carvalho
classificação em 2016 - 12.º



Ricardo Mestre
classificação em 2016 - 13.º



Samuel Caldeira
classificação em 2016 - 38.º



Joaquim Silva
classificação em 2016 - 79.º



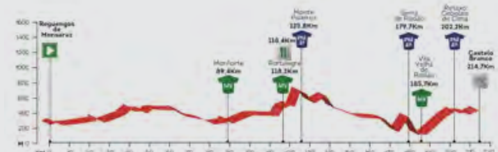
Prólogo: Lisboa (5,4 quilómetros)

A cidade de Lisboa foi o cenário de partida para a Volta a Portugal e foi junto ao rio Tejo que foram dadas as primeiras pedaladas desta edição. Um a um, os ciclistas percorreram parte da Avenida da Índia, entre a Praça do Império, em Belém, e Alcântara.



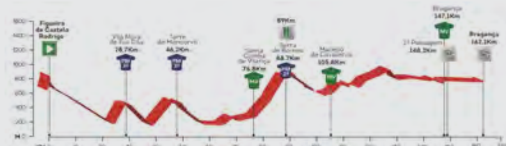
1.ª ETAPA: VILA FRANCA DE XIRA-SETÚBAL (203 QUILÓMETROS)

A primeira etapa em linha da Volta não apresentou dificuldades de maior, mas os 203 quilómetros que fizeram a travessia da Lezíria do Tejo tiveram na sua parte final, na chegada à Serra da Arrábida, o ponto de maior interesse. Depois de Palmela, houve dois prémios de montanha de terceira categoria para os primeiros testes aos candidatos. No final, Raúl Alarcón vestiu de amarelo.



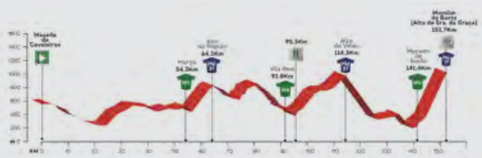
2.ª ETAPA: REGUENGOS DE MONSARAZ-CASTELO BRANCO (214,7 QUILÓMETROS)

A etapa mais longa desta edição voltou a colocar no mapa da corrida a planície alentejana, na qual as altas temperaturas foram um dos maiores adversários para o pelotão. Seguiu-se uma travessia para a não menos quente zona sul da Beira Baixa, até à entrada na cidade de Castelo Branco, onde a chegada se fez sobre o empedrado da Avenida Nuno Álvares. Samuel Caldeira ganhou a etapa e Alarcón manteve a camisola amarela.



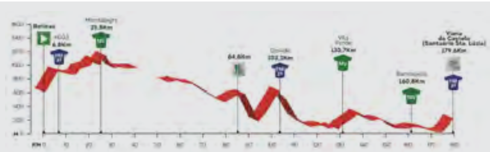
3.ª ETAPA: FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO-BRAGANÇA (162,1 QUILÓMETROS)

"Apenas" 162,1 quilómetros separam a saída da Beira Baixa à meta desta etapa, já na região de Trás-os-Montes, mas não faltarão adversidades. Uma subida a Vila Nova de Foz Côa (terceira categoria), nova subida a Torre de Moncorvo (terceira categoria) e ainda a passagem pela Serra de Bornes (segunda categoria) prometem uma primeira metade de etapa recheada de atividade, que irá certamente deixar mossa no pelotão esperado em Bragança.



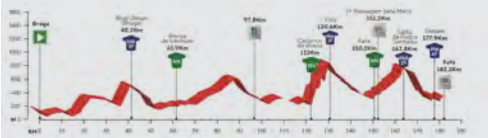
4.ª ETAPA: MACEDO DE CAVALEIROS-MONDIM DE BASTO (152,7 QUILÓMETROS)

O dia 8 de agosto promete ser o primeiro no qual se vão fazer as grandes diferenças entre os candidatos à classificação geral e da montanha. A mais pequena etapa da corrida está muito longe de ser fácil de ultrapassar, com a já mítica escalada ao Monte Farinha, no topo do qual está situado o Santuário da Senhora da Graça. Se esta contagem de primeira categoria cansa só de ver, fique a saber que antes disso ainda há duas montanhas para ultrapassar: a primeira no Alto do Pópulo (3.ª categoria), logo após a passagem por Murça, e a segunda após a passagem por Vila Real, no Alto do Velão (2.ª categoria). O espetáculo está garantido.



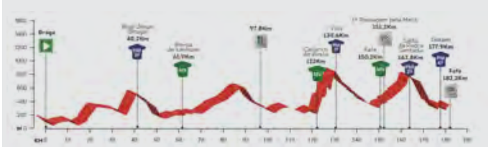
5.ª ETAPA: BOTICAS-VIANA DO CASTELO (179,6 QUILÓMETROS)

O dia 8 de agosto promete ser o primeiro no qual se vão fazer as grandes diferenças entre os candidatos à classificação geral e da montanha. A mais pequena etapa da corrida está muito longe de ser fácil de ultrapassar, com a já mítica escalada ao Monte Farinha, no topo do qual está situado o Santuário da Senhora da Graça. Se esta contagem de primeira categoria cansa só de ver, fique a saber que antes disso ainda há duas montanhas para ultrapassar: a primeira no Alto do Pópulo (3.ª categoria), logo após a passagem por Murça, e a segunda após a passagem por Vila Real, no Alto do Velão (2.ª categoria). O espetáculo está garantido.



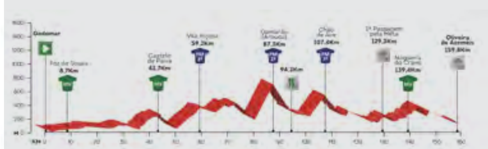
6.ª ETAPA: BRAGA-FAFE (182,7 QUILÓMETROS)

Antes do dia de descanso o pelotão tem mais uma etapa recheada de altos e baixos para cumprir. A etapa de Fafe apresenta-se como uma das mais exigentes de toda a prova, com a difícil passagem no Monte do Viso (1.ª categoria) e no Salto da Pedra Sentada (2.ª categoria), que o Rali de Portugal tornou famoso, a serem os expoentes máximos desta tirada. Também de ter em conta é a subida ao Bom Jesus, em Braga, no primeiro terço da etapa. Numa fase em que o desgaste vai fazer-se sentir, a meta de Fafe poderá também fazer algumas diferenças.



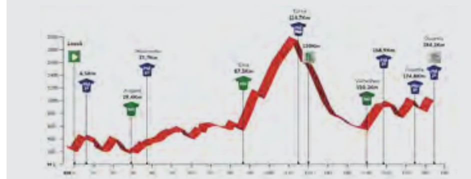
7.ª ETAPA: LOUSADA-SANTO TIRSO (161,9 QUILÓMETROS)

Não fosse a chegada em alto, até se poderia dizer que esta seria mais uma tranquila etapa de transição, propícia a fugas e a roladores. Mas a grande dificuldade do dia está reservada para os sete quilómetros finais, em direção ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção, no topo do Monte Córdova.



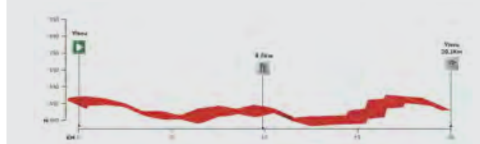
8.ª ETAPA: GONDOMAR-OLIVEIRA DE AZEMÉIS (159,8 QUILÓMETROS)

A três dias do final da prova, a curta ligação entre Gondomar e Oliveira de Azeméis não será propriamente o momento perfeito para relaxar antes de uma subida à torre. Entre a partida e a chegada há muitas zonas relativamente tranquilas, mas a passagem por Arouca obriga o pelotão a uma difícil subida de segunda categoria ao Gamarão.



9.ª ETAPA: LOUSÃ-GUARDA (184,1 QUILÓMETROS)

A etapa rainha da Volta a Portugal conta com seis contagens de montanha, com o destaque a recair na de categoria especial que está situada na Torre (a única desta edição), no topo da Serra da Estrela. Ainda que desta vez a meta ainda esteja longe no momento em que o pelotão chegar ao ponto mais alto da Portugal continental, as dificuldades não acabavam aí. Os últimos 25 quilómetros reservam três contagens de terceira categoria que acabarão por fazer uma seleção natural entre os mais fortes, rumo à meta na mais alta cidade portuguesa.



10.ª ETAPA: CONTRARRELÓGIO INDIVIDUAL DE VISEU (20,1 QUILÓMETROS)

Nos 20 quilómetros finais da prova vai ser cada um por si, a defender ou a atacar os segundos preciosos que podem decidir tudo. A cidade de Viseu será o palco das decisões de 2017, num contrarrelógio exigente fisicamente (em especial na última metade) e também muito técnico. É esta a última oportunidade para os mais fortes se afirmarem como tal.



SOMERSBY.
AI ESTAS SÃO
AS FILHAS DA IMAGINAÇÃO
ORIGINAL
APPLE
SOMERSBY.
APPLE CIDER
REFRESHINGLY CRISP TASTE
FRUITILY
BLACKBERRY
SOMERSBY.
APPLE CIDER WITH A TASTE OF
BLACKBERRY
REFRESHINGLY CRISP TASTE
FULL OF FRUITILY FLAVOUR
ALC 4.5% VOL
FRUITILY
CITRUS FRUIT
SOMERSBY.
APPLE CIDER WITH A TASTE OF
CITRUS
REFRESHINGLY CRISP TASTE
FULL OF FRUITILY FLAVOUR
ALC 4.5% VOL
É FRUTO DA TUA
IMAGINAÇÃO
Seja responsável. Beba com moderação.



“O PLANTEL SERÁ GARANTIDAMENTE MELHOR”

Costuma dizer-se que, em equipa que ganha não se mexe, mas quando não se ganha, é inevitável que aconteçam mudanças. Com os trabalhos de pré-temporada cada vez mais próximos do início para a nossa equipa de basquetebol, a DRAGÕES voltou a conversar com Moncho López para saber o que os adeptos podem esperar da versão 2017/18 do FC Porto.

TEXTO: **BRUNO LEITE**
FOTOS: **ADOPTARFAMA**

António Monteiro

O plantel às ordens do treinador espanhol vai sofrer alterações profundas e tem como objetivo maior a reconquista do título nacional que escapou na temporada transata. Entre elementos que transitam de 2016/17 e uma mão-cheia de reforços, Moncho López não tem dúvidas de que o grupo terá mais e melhores soluções para enfrentar os desafios que se avizinham.

REFORÇOS ACRESCENTAM QUALIDADE

Em relação à época anterior, são várias as saídas do plantel portista: Brad Tinsley, Jeff Xavier, Nick Washburn, José Silva, João Grosso e João Gallina não vão continuar a vestir de azul e branco, mas as vagas deixadas em aberto por estes seis atletas estão devidamente colmatadas. "Vamos melhorar outra vez. Na época passada também sentimos que tínhamos melhorado o plantel, mas não foi suficiente para sermos campeões nacionais, independentemente do mérito de quem ganhou. O plantel que vamos ter será garantidamente melhor do que o da época passada e vai-nos dar muitas soluções. O campeonato é difícil e continua a melhorar, pois as equipas têm-se reforçado bem, mas vamos ter uma boa equipa e acredito que vamos ser campeões", afirmou Moncho López, garantindo ainda a integração de dois jovens do FC Porto B na equipa principal. "Vamos continuar a dar saída a atletas que estão na equipa B. O Vladyslav Voytso e o Keven Gomes vão fazer parte da equipa principal, não só no trabalho diário, mas também em muitos jogos. Um plantel de basquetebol está sempre aberto, mas o nosso deverá ficar fechado com a chegada de três atletas estrangeiros."



Keven Gomes



Vladyslav Voytso



Pedro Pinto

PEDRO PINTO E ANTÓNIO MONTEIRO

Pedro Pinto e António Monteiro foram as primeiras caras novas anunciadas, ainda que o segundo seja um velho conhecido dos adeptos portistas. Pedro Pinto, de 29 anos, é base, internacional português, e chega ao FC Porto depois de se desvincular do Vitória de Guimarães, clube que representou durante quatro temporadas, reforçando assim as posições de base e extremo no plantel dos Dragões. Em 2016/17, Pedro Pinto assumiu-se como uma das grandes figuras da equipa vimaranense, desempenhando um papel importante na estratégia do treinador Fernando Sá. Na época passada, o base registou médias de 12,4 pontos, 2,3 ressaltos e 3,9 assistências por jogo. "Pensámos nele no momento de procurar um jogador nacional importante que pudesse vir para o FC Porto e acreditamos que se encaixa muito bem no nosso plantel. Quando falei com o Pedro Pinto, senti nele uma grande motivação para jogar no FC Porto, e isso é muito importante. Além disso, é um jogador de qualidade inegável", sublinhou Moncho López.

Se Pedro Pinto assinou por três temporadas, António Monteiro rubricou com o FC Porto um contrato válido por duas épocas e está de regresso ao plantel orientado pelo treinador galego. O antigo número 10 dos Dragões, campeão nacional em 2015/16, participou em todos os 32 jogos realizados pelo Lusitânia na Liga Portuguesa de Basquetebol, tendo terminado a competição com médias assinaláveis de 14,9 pontos e 9,5 ressaltos. "Quando ele saiu, saiu porque queria jogar mais e nós não lhe podíamos garantir na altura o tempo de jogo que ele gostaria de ter, mas é um jogador que sempre apreciámos e que está totalmente por dentro da nossa filosofia, não só em termos de jogo, mas também de clube. Com a saída do José Silva, existe a possibilidade de ele jogar mais. Além disso, não há muitos jogadores com passaporte português que consigam fazer as posições 3 e 4 com a consistência que ele consegue. Era um regresso óbvio e inevitável."



Will Sheehey

OS TRÊS NORTE-AMERICANOS

Will Sheehey, Will Haney e Marcus Gilbert são os três reforços norte-americanos. Sheehey, extremo de 25 anos e 2,01 metros, representou os Raptors 905 Missisauga (G-League da NBA) em 2016/17, tendo feito medias de 10,3 pontos, 3,3 ressaltos, 2,0 assistências e 1,3 roubos de bola em 38 jogos. Formado na Universidade de Indiana, uma das melhores dos Estados Unidos, Will Sheehey já teve duas passagens pelo basquetebol europeu, na Grécia (Panionios) e no Montenegro (Buducnost). "É um jogador que vem de uma das melhores universidades americanas e tem muita qualidade tática e técnica, além de ser forte no plano emocional", resume Moncho. "É um jogador com raça, que joga sempre muito motivado, e transmite aos colegas muita energia e ambição. Tem algumas experiências europeias que acabaram por não ser muito consistentes, mas os jogadores americanos, por vezes, sentem dificuldades de adaptação. Vem de uma boa época e já mostrou muita evolução. É muito grande para as posições exteriores, o que é bom. É uma espécie de abre-latas, pois faz de tudo".

Hanley tem 27 anos e ocupará a posição 4, sendo capaz de atuar como poste e extremo. Destaca-se pela capacidade de ressalto e intensidade de jogo e traz uma vasta experiência no basquetebol europeu: depois de se ter revelado na LEB Prata, competição na qual assinou médias de 17,7 pontos e 11,2 ressaltos, atuou na ACB, a principal liga espanhola, nas últimas cinco épocas, sendo que na última se sagrou campeão europeu da Basketball Champions League ao serviço do Iberostar Tenerife. "Diria que me faz lembrar o Greg Stempin, um dos melhores estrangeiros que passou por Portugal nos últimos anos e que até foi campeão pelo FC Porto. A passagem desse jogador por campeonatos exigentes e pelas mãos de grandes treinadores vai acrescentar cultura tática à equipa, além de reforçar as posições 4 e 5", observa o treinador.

Gilbert, de 24 anos, será um dos extremos dos Dragões, podendo desempenhar com facilidade as posições 2 e 3. Vem da sua primeira experiência internacional, na competitiva Liga A2, de Itália, na qual representou duas equipas em 2016/17, destacando-se por ser um jogador que marca muitos pontos (médias de 15 por jogo) e pelas grandes percentagens de lançamento, essencialmente desde a linha de três (43%). "É um extremo atirador, com capacidade concretizadora, que também pode jogar como segundo base", caracteriza Moncho López.

SAÍDA DE JOSÉ SILVA ABRIU NOVOS HORIZONTES

José Silva é um dos melhores jogadores portugueses da atualidade, mas optou por rejeitar a proposta de renovação do FC Porto e mudou-se para o Benfica, o maior rival portista na luta pelo título no passado mais recente. Moncho López confessou que não esperava perder o atleta, mas a saída do extremo permitiu ao treinador espanhol olhar de forma diferente para a composição do plantel 2017/18: "Foi algo inesperado. Surpreendeu-me o facto de as negociações levarem tanto tempo, pois oferecemos-lhe a renovação ainda antes do fim do campeonato. Quando chegámos às pretensões do atleta e ele não respondeu afirmativamente, tornou-se claro que seria muito difícil continuar. Lamento que o José Silva não tenha ficado, mas a partir do momento em que sai, é-me indiferente o clube para onde vai. Perdemos um jogador que não contávamos perder, mas isso permitiu-nos explorar melhor as oportunidades que pudessem surgir, em vez de nos ficarmos a lamentar. Procurámos, essencialmente, jogadores que se identificassem com o nosso estilo de jogo e com os princípios do clube. São atletas com grandes capacidades atléticas, até porque mantemos a ambição de também competir a um bom nível na Europa".

CAMPEÕES DE BASE

TEXTO: **RUI CESÁRIO SOUSA**

A época de hóquei em patins do FC Porto terminou da melhor forma possível, com a equipa principal a vencer tudo que havia para vencer em 2016/17, mas os títulos azuis e brancos nesta modalidade não se limitaram ao escalão principal. Longe disso. Na temporada que passou, a secção juntou aos títulos mais apetecidos os triunfos da equipa B, dos Sub-17 e dos Sub-15 e por isso, nesta edição, a DRAGÕES propôs-se a destacar o que de melhor se faz nos escalões de formação. Fomos ao encontro dos verdadeiros campeões de base, que se espera que um dia possam ser o futuro do FC Porto Fidelidade.

A COORDENAÇÃO

Para começar esta jornada, nada melhor do que fazê-lo à boleia de uma cara indissociável do hóquei em patins do FC Porto. Como jogador ganhou praticamente tudo o que havia para ganhar e em vários escalões, mas é na qualidade de atual coordenador da Dragon Force de hóquei em patins que Filipe Santos nos fala nas próximas linhas. E começa por esclarecer uma questão: "O objetivo primeiro da formação nunca é ganhar, mas sim competir e fazer o maior número de jogos ao mais alto nível. Isto porque só cumprindo este princípio conseguimos estar depois nas decisões. Mas não é menos verdade que a partir do momento em que os miúdos chegam ao FC Porto sentem essa obrigação de ganhar. E mal de mim se lhes dissesse que não é assim. Acaba por ser natural".

Normalmente tudo começa nos escalões de iniciação, nos quais o FC Porto possui uma rede de captação que lhe permite formar uma boa base de trabalho. Nesse ponto é importante que os jovens cheguem o mais cedo possível, pois ter o primeiro contacto com os patins e o stick aos oito ou nove anos poderá já ser tarde para recuperar o atraso para jovens que nessa idade já levam três ou quatro anos de formação. Depois, a teoria é simples: fazê-los percorrer todos os escalões de competição, entre os Sub-9 e os Sub-17, até finalizarem o percurso na Dragon Force. O que se segue depois é o FC Porto. Primeiro os Sub-20, depois a equipa B e só depois a mais desejada, a equipa principal.

Para já, o balanço da Dragon Force é positivo. Um sucesso que não é de agora, até porque Filipe Santos lembra que "o FC Porto é a formação com mais títulos a nível nacional", mas chegar ao topo continua a não ser fácil: "Há todo um histórico que nos diz isso. Neste momento temos o Nélson Filipe, o Jorge Silva, o Rafa, o Telmo e até o Gonçalo Alves, que começaram aqui, mas muitos outros não conseguiram chegar a esse nível. Na Dragon Force temos alguns atletas com talento para serem a base da próxima equipa de Sub-20, mas o trabalho, a dedicação e a cabeça continuam a ter a palavra mais importante na formação de um atleta". Fica o aviso de quem sabe. Certo é que a aposta na formação é para continuar, até porque essa será a chave do sucesso no futuro: "Quem tiver uma melhor base, estará um passo à frente do rival".



FC PORTO B

Para lá dos escalões de formação Dragon Force, há, além da equipa principal, um título de seniores para contar: o do FC Porto B na terceira divisão nacional. João Lapo, que conta já 37 anos de ligação ao clube (não consecutivos) foi o mentor dessa conquista e, não o fazendo com uma equipa de formação (as escolas Dragon Force terminam o seu ciclo nos Sub-17), esta conquista não deixa de ser um reflexo do trabalho dos escalões de base que tem sido levado a cabo nos últimos anos. É o próprio treinador que o admite quando fala nas condicionantes a que as equipas B estão sujeitas: "Somos obrigados a ter uma equipa muito jovem, que, por regulamento, não pode ter mais do que

dois atletas com mais de 23 anos". O que por um lado dificulta a "vida" a João Lapo, acaba por realçar o que de melhor se faz nos escalões de base, até porque o nível competitivo de uma terceira divisão, e agora da segunda, faz crescer de forma evidente os jogadores. E jogar na segunda divisão nacional era o passo que faltava a esta equipa B para dar o salto competitivo que se pedia.

Se esta equipa B facilita a entrada na A? João Lapo admite que pode ajudar, até porque a metodologia de treino e os processos de jogo são os mesmos, mas lembra que entre a B e a A vai muito mais do que uma letra de distância: "Não é fácil. Só os melhores do mundo chegam à equipa A. A equipa B pode ajudar a que muitos talentos continuem no clube e se evitem casos como os do Rafa ou do Telmo Pinto, que passaram por mim, mas que tiveram que ser dispensados para competir a um bom nível fora do clube. Depois tivemos que os ir buscar outra vez", explica.

Sobre o título que conquistou, admite que foi muito difícil, em especial na primeira metade da fase de promoção: "Não me esqueço que na parte final da primeira volta estávamos no sétimo lugar, sabendo que só os dois primeiros nos interessavam. Felizmente, a partir daí mudámos algumas coisas, os resultados apareceram e depois de garantida a promoção direta, porque terminámos em primeiro, o pensamento foi naturalmente o título". E foi com uma fase final praticamente imaculada (cinco vitórias e um empate em seis jogos) que os portistas confirmaram o campeonato, um feito que João Lapo considera "lindíssimo e inesperado". Segue-se a "supercompetitiva" segunda divisão.



Foto:Diogo Reis

SUB-17: ALMA E QUERER

Habituado a trabalhar desde sempre com os escalões de formação, Miguel Vieira liderou em 2016/17 o projeto dos Sub-17 e logo com um êxito assinalável. É o próprio a admitir que, à partida, o objetivo estava longe de ser o título nacional, mas a verdade é que tudo acabou por acontecer. Aos 44 anos, o técnico, que diz ter um gosto especial por assistir à progressão dos seus atletas, é da opinião que a formação é o futuro e afirma mesmo que essa é uma realidade a que as grandes equipas não podem fugir. "Não é viável pensar em contratar dez jogadores para se construir um plantel de alto nível", explica o treinador cuja equipa acabou por surpreender tudo e todos num ano que considerou "muito difícil": "Trabalhei praticamente a época toda com oito atletas e tive que fazer deles campeões. Tive que moldá-los psicologicamente. E eles foram acreditando, queimando etapas. Jogámos contra muitas e boas equipas, fizemos face a muitas vedetas e a muito investimento, e quase como outsiders superamos toda a concorrência. Pedi aos jogadores para sermos uma equipa grande a pensar pequeno, passo a passo, e penso que foi esta a chave para o sucesso". E foi assim que, como disse Miguel Vieira, os Sub-17 deram o seu brilhante contributo para um grande ano do hóquei.



SUB-15: O TÍTULO NACIONAL E MAIS UM

Tal como todos os escalões de formação, os Sub-15 não fogem à regra e o objetivo principal é colocar jogadores a competir no escalão acima. No caso, os Sub-17. Mas em 2016/17 a equipa de Jorge Ferreira não fez a coisa por menos e, além do título nacional, conquistou também um inédito título europeu, o Eurockey. Como é que se consegue isto? O treinador explica: "Em primeiro lugar, uma palavra aos pais, que voltaram a dar contributos fundamentais ao longo da temporada, depois, a própria organização Dragon Force, desde o coordenador, passando pelos treinadores das restantes formações, que sempre colaboraram no perfeito funcionamento da máquina de formação portista".

Olhando um pouco para trás, Jorge Ferreira lembra que os primeiros anos do projeto não foram fáceis, porque se perderam muitos e bons jogadores, mas que com o tempo o clube foi retomando o habitual caminho das vitórias. A formação é agora uma aposta ganha e o objetivo maior é colocar os agora jovens na equipa principal. Um caminho muito difícil, até porque esse é um lugar reservado aos melhores: "Se conseguirmos formar dois, três ou quatro atletas desse nível, já será um sucesso, mas o melhor é mesmo esperar para ver". Para o treinador, este é o único caminho. Formar jogadores plenamente conscientes do ambiente e da mística que envolve o clube.

REVISITAR VIENA À BOLEIA DO PRESIDENTE



A exposição "V – 30 anos de Viena" foi enriquecida pela colaboração de Jorge Nuno Pinto da Costa. A reconstituição da caminhada até à final faz-se, em grande parte, através de objetos da coleção pessoal do presidente. Mas há mais para descobrir.

O dia 27 de maio de 1987 está gravado como um dos mais importantes marcos da história do FC Porto (e do futebol português), justificando todas as referências e/ou análises que lhe são feitas. Numa altura em que passam 30 anos sobre esse momento inesquecível, a realização de uma exposição evocando factos e heróis era tão óbvia quanto justa, não só para os protagonistas – jogadores, técnicos, dirigentes -, mas também para todos aqueles que saborearam o sentimento triunfal que invadiu o clube, a cidade e o país, e os que, mais novos, não o podendo viver, experimentaram o entusiasmo dos relatos ainda hoje efetuados sobre esse dia. É esta, também, umas das razões por que o Museu FC Porto abriu a exposição temporária "V – 30 anos de Viena", projetada para encerrar no dia 27 de agosto e cujo êxito justificou a abertura por mais um mês (ver peça à parte).

Ainda assim, poderia perguntar-se: 30 anos depois, o que haverá de novo para mostrar? Curiosamente, muito. Porque o presidente Jorge Nuno Pinto da Costa abraçou o projeto e colocou à disposição objetos da sua coleção pessoal, muitos dos quais expostos publicamente pela primeira vez. E este "simples" facto altera tudo, proporcionando uma revisita a todas as etapas da caminhada até Viena à boleia das memórias do presidente.

Começa logo pela gravata com que os responsáveis do Rabat Ajax enriqueceram o guarda-roupa. Oferta simbólica e muito habitual, sobretudo nos almoços ou jantares que precedem os jogos, em que os dirigentes trocam ofertas e galhardetes. Por exemplo, o do encontro da final, oferecido pelo Bayern Munique, também faz parte da exposição.

Preciosidade inimitável será a jarra de cristal do Vitkovice, adversário do FC Porto na segunda eliminatória. Para além do valor (simbólico e não só), o que torna este objeto único é o facto deste clube da antiga Checoslováquia (agora República Checa) já não existir. Depois de algumas épocas conturbadas, acabou por ser extinto em 2012, sendo a eliminatória com o FC Porto, em 1986, o ponto alto da sua história internacional...

Passando à ronda seguinte, frente ao Brondby, sobressai a camisola envergada por um dos dinamarqueses no jogo e que foi oferecida a Jorge Nuno Pinto da Costa. Aliás, há mais duas camisolas em posição de destaque na exposição: uma do Bayern, usada na final, e outra do FC Porto assinada pelos jogadores que fizeram parte da campanha que culminou em Viena, e que foi oferecida ao presidente.

Da meia-final, ressalta a bola







autografada pelos futebolistas do Dínamo Kiev, assim como um objeto do folclore local (na altura dito soviético, agora ucraniano): uma matriosca.

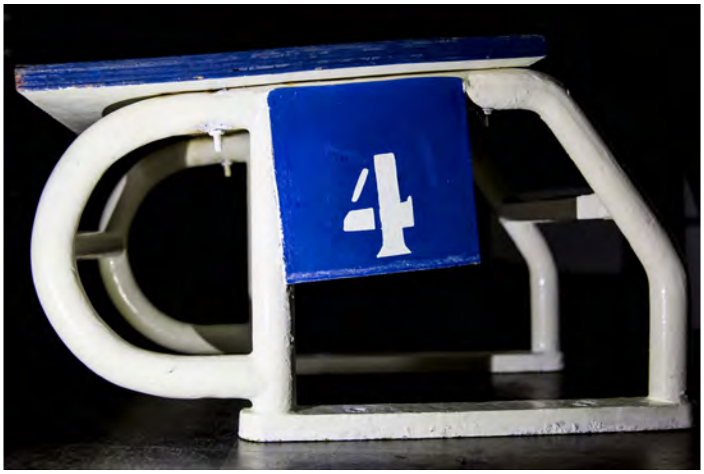
Há, de facto, nesta exposição uma espécie de narrativa que se desenrola, também, em torno de objetos da coleção particular de Jorge Nuno Pinto da Costa. Mas não se esgota aqui. Há muito mais para descobrir, sendo exemplo o par de chuteiras com que Fernando Gomes marcou todos os golos da edição de 1986/87 da Taça dos Campeões Europeus – essa mesmo, a que acabou em Viena. O melhor mesmo é ver com os próprios olhos. Até porque a entrada é livre.



EXPOSIÇÃO PROLONGA-SE ATÉ 28 DE SETEMBRO

A adesão de visitantes à exposição temporária "V – 30 anos de Viena" tem aumentado de tal forma que foi decidido prolongar a abertura ao público por mais um mês, até 28 de setembro.

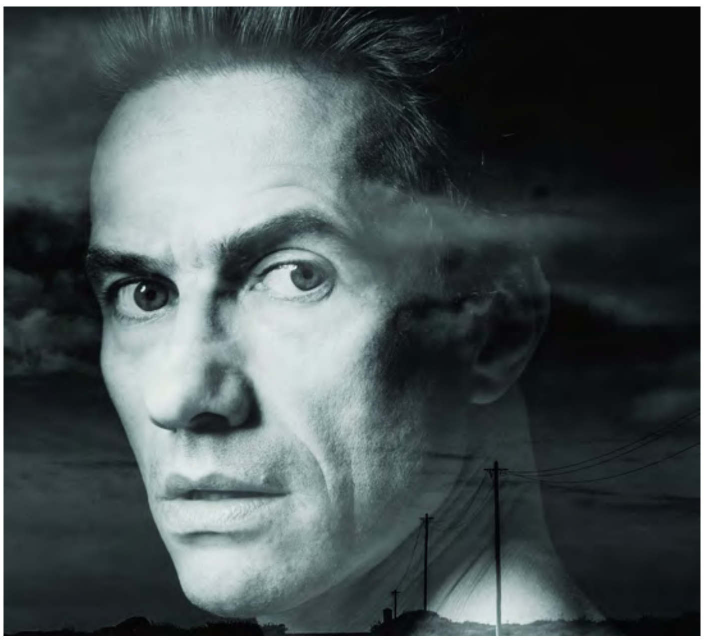
Projetada para encerrar a 27 de agosto, a mostra comemorativa dos 30 anos da conquista da Taça dos Campeões Europeus pelo FC Porto em Viena tem registado, neste período de férias, um aumento significativo de visitantes, fazendo com que o Museu FC Porto questionasse a possibilidade de alargar o período de exibição, tendo decidido que seria prolongada por mais um mês, permanecendo aberta, precisamente, até ao dia do quarto aniversário do Museu – que coincide com as comemorações dos 124 anos do FC Porto.



OBJETO DO MÊS

MUSEU FUTEBOL CLUBE DO PORTO

Datado de meados da década de 1970, um bloco de partida que pertenceu à Piscina das Antas (e que o nadador Rui Borges guardou religiosamente) permite mergulhar nas memórias da natação azul e branca, que vão desde as águas do rio Douro ao expoente competitivo dos Jogos Olímpicos. O FC Porto é uma escola da elite nacional da natação. Hoje, o clube desenvolve a modalidade com enorme sucesso no complexo de Piscinas de Campanhã (Porto), mas entre 1968 e 2000, foi na centralidade do Estádio das Antas que emergiram muitas gerações de nadadoras e nadadores portistas.
O objeto e outras curiosidades descobrem-se no Hall do Museu, área de circulação livre, onde todos os meses há uma revelação da diversidade e riqueza da coleção do FC Porto, colocando a história ainda mais ao alcance de todos.



DAR LETRA À MÚSICA

A terceira temporada do Dar Letra à Música (DLAM) abre a 22 de setembro com um nome de peso: David Fonseca. Depois de duas temporadas sempre em crescendo, que permitiu ao DLAM conquistar espaço na oferta do panorama musical da cidade do Porto, a aposta vai no sentido de manter ou até elevar este estatuto. Na última temporada, que apresentou nomes tão diversificados como Os Trabalhadores do Comércio, Capicua ou Simone de Oliveira (para além de muitos outros de primeira linha da música portuguesa), o auditório Fernando Sardoeira Pinto apresentou-se, invariavelmente, esgotado. Algo que está garantido com a presença de David Fonseca, o cantor que se revelou com os Silence 4 nos anos 90, optou pela carreira a solo em 2003 e não mais deixou de crescer. Os bilhetes já estão à venda, tanto na receção do Museu FC Porto como na TicketLine.



ROTA DO DRAGÃO COM GUIA E MOTORISTA

O dia 16 de julho ficará marcado como o da estreia de uma nova fórmula da Rota do Dragão: a bordo de um autocarro panorâmico. Até então, o historiador Joel Cleto dirigira a rota no interior do Museu ou palmilhando as ruas da Baixa da cidade. Sempre a pé e, obviamente, em trajetos com distâncias limitadas pela necessidade de não se prolongar demasiado. Desta vez, contudo, essa questão não se colocou. Os participantes concentraram-se junto da estrela à entrada do Museu e embarcaram no autocarro da BlueBus/Douro Azul, partindo em direção aos dragões espalhados pela cidade.
Joel Cleto explicou as razões do trajeto, chamou a atenção para este ou aquele pormenor em edifícios da cidade e levou as pessoas até espaços nunca antes percorridos pela Rota, como o quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto, onde mostrou a presença do Dragão. O entusiasmo dos participantes no final da Rota fez equacionar a possibilidade de repetição da iniciativa, prevista apenas para uma sessão.



App Oficial FC Porto
AGORA COM LIVE FC PORTO
FAZ JÁ O
DOWNLOAD EM
APP.FCPORTO.PT
GET IN ON
App Store
GET IN ON
Google Play


FIDELIDADE
SEGUROS DESDE 1808
Uma Marca de Futuro com 200 anos de Passado.
A Fidelidade Mundial e a Império Bonança uniram-se e são agora Fidelidade. Desde 1808 que protegemos o futuro das famílias, das empresas e de Portugal. Ao garantir o património, a saúde e a poupança, estamos a salvaguardar o equilíbrio da sociedade. Esta é a marca de um futuro mais forte e fiel aos princípios de estabilidade e solidez que sempre nos guiaram. Há 200 Anos que acreditamos num futuro seguro assim.
Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A. - NIPC e Matrícula 500 918 880, na CRC Lisboa • Sede: Largo do Calhariz, 30 1249-001 Lisboa - Portugal
Capital Social € 605 000 000 • Linha de Apoio ao Cliente: T. 808 29 39 49 • F. 21 323 78 09 • E. apoiocliente@fidelidade.pt
Atendimento telefónico personalizado nos dias úteis das 8h30 às 20h
3-iD APP
Explore as dimensões da marca Fidelidade
fidelidade.pt

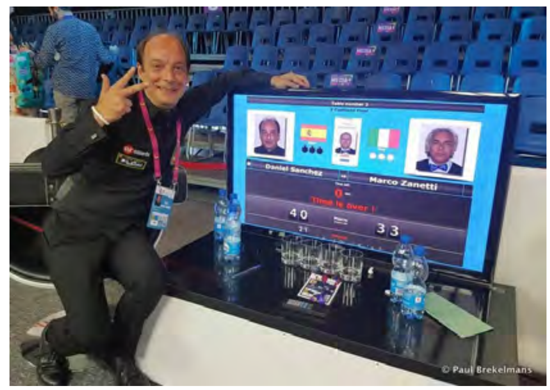


CAMPOS DE FÉRIAS DRAGON FORCE FORAM UM SUCESSO

Os Campos de Férias Dragon Force chegaram ao fim depois de proporcionarem um verão ativo a centenas de jovens. Ao longo de cinco semanas, cerca de 500 crianças tiveram uma experiência diferente e gratificante, multiplicando-se os sorrisos e a alegria pela participação nas atividades propostas. Entre as diversas ofertas esteve naturalmente um conceito mais universal, em que os jovens se deliciaram com a possibilidade de experimentar todas as modalidades praticadas nas Escolas Dragon Force, e um Futebol Camp, mais focado na especialização no desporto-rei. No verão de 2018, serão organizados Campos de Férias Dragon Force a nível nacional, com o objetivo de chegar a todas as crianças que gostam do FC Porto e que gostem antes de mais de praticar desporto.

SÁNCHEZ DE OURO NOS MUNDIAIS DE BILHAR ÀS TRÊS TABELAS

Daniel Sánchez, bilharista do FC Porto, foi o grande vencedor dos Jogos Mundiais de bilhar às três tabelas, cuja edição de 2017 se realizou na cidade de Wroclav, na Polónia. O jogador espanhol ultrapassou no jogo decisivo o italiano Marco Zanetti, por 40-33, fechando em grande uma época memorável: foi considerado o melhor jogador de 2017, ano que termina como número um da hierarquia mundial. Ao serviço do FC Porto, venceu o Campeonato, a Supertaça, a Taça de Portugal e a Taça da Europa de Clubes. Na categoria de esperanças, outro portista deu nas vistas ao vencer o Campeonato Nacional: na Academia de Bilhar do Estádio do Dragão, Luís Almeida, da Dragon Force, derrotou na final o colega de equipa Luís Pinto, de 13 anos, por 3-1.





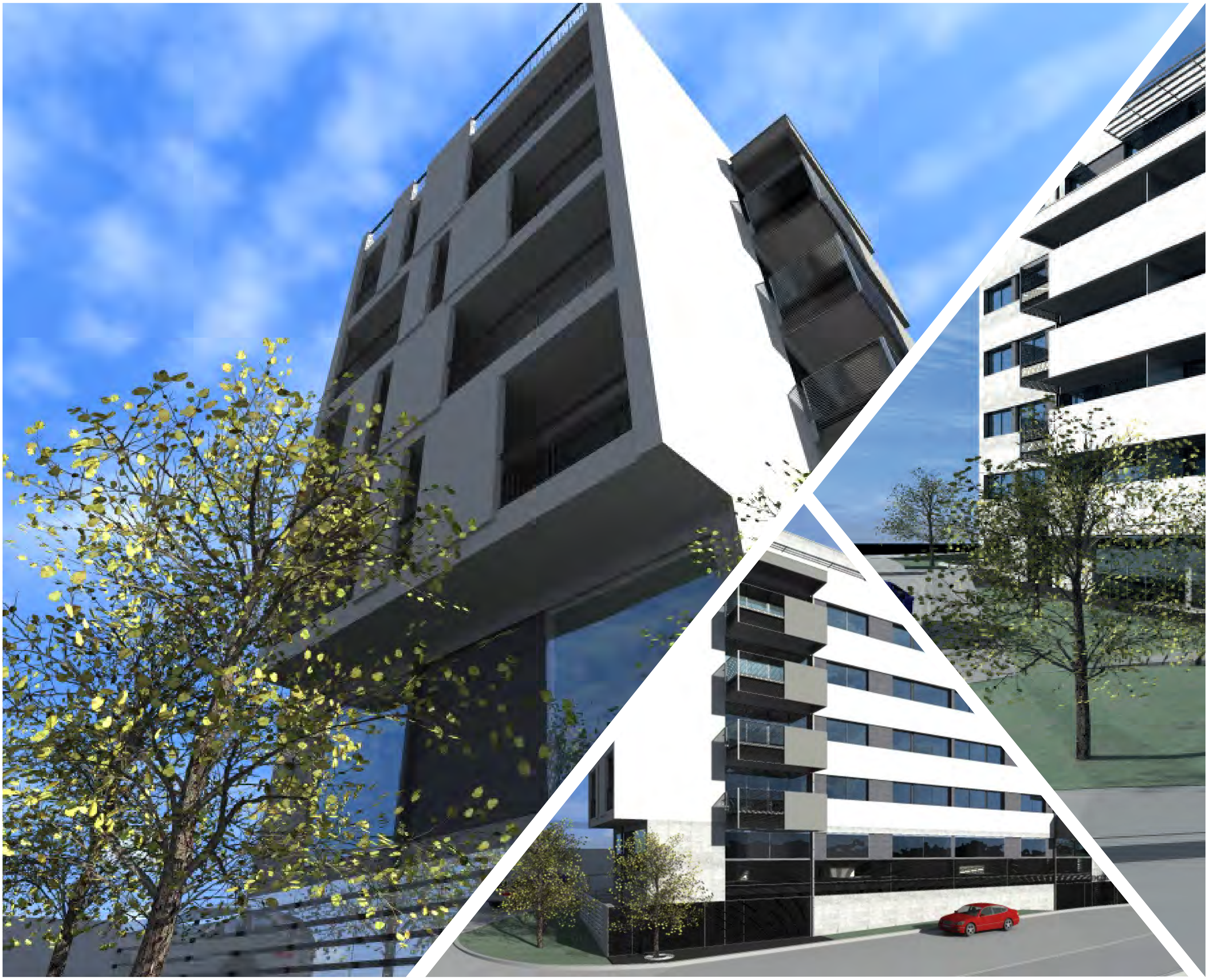
NATAÇÃO: 26 MEDALHAS NOS NACIONAIS DE VERÃO

O FC Porto terminou a edição 2017 dos Campeonatos Nacionais de verão de natação (escalões juvenis e absolutos) com um total de 26 medalhas conquistadas: oito de ouro, oito de prata e dez de bronze. Ao longo dos quatro dias da competição, que decorreu na Piscina Olímpica do Jamor, em Oeiras, a formação azul e branca acumulou vitórias e medalhas, tanto no setor masculino como no feminino, deixando boas indicações para a época que se avizinha.

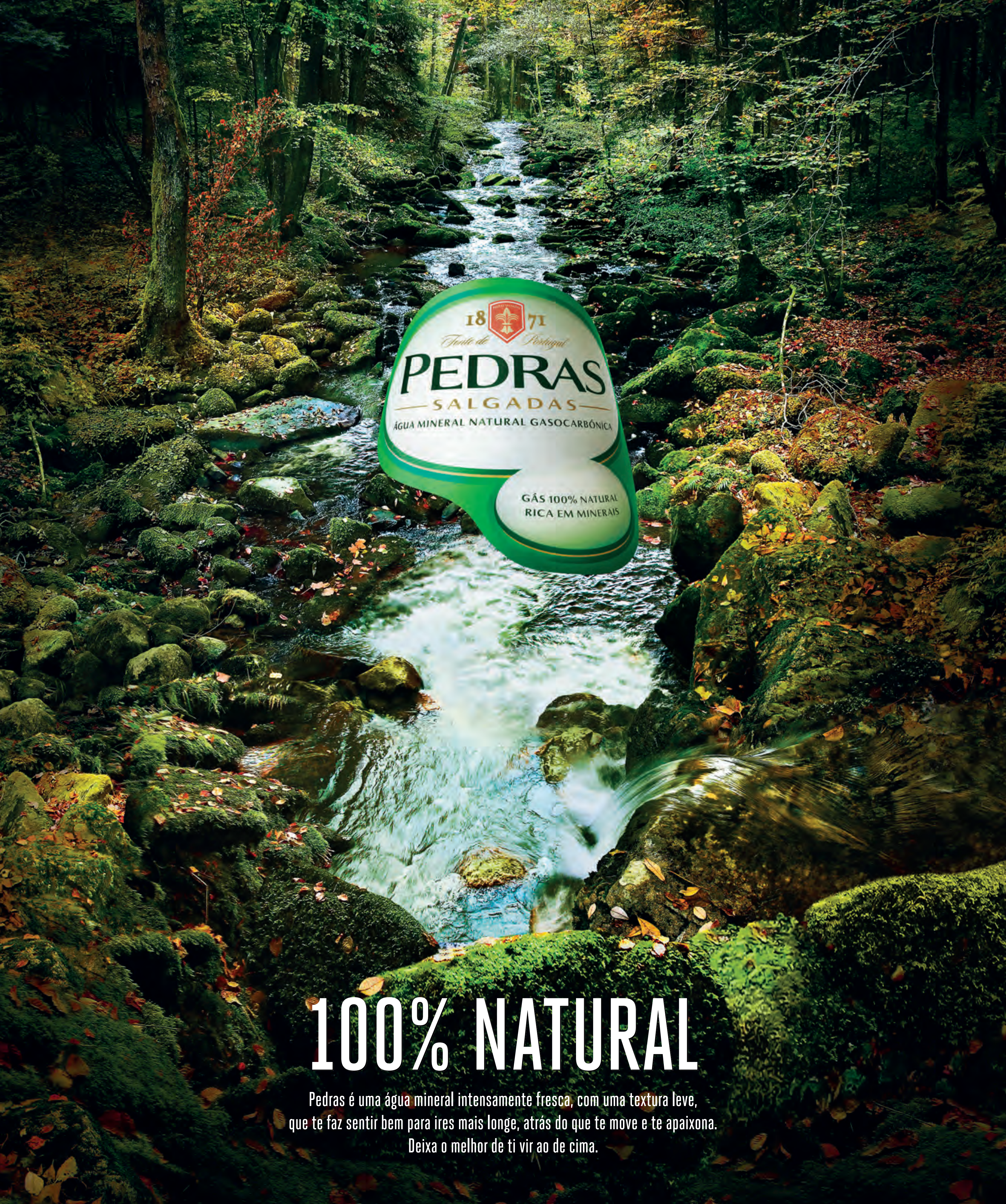
DESPORTO ADAPTADO: DUPLA PORTISTA NO BRONZE PORTUGUÊS

Carla Oliveira e Pedro da Clara, atletas de boccia do FC Porto da classe BC4, ajudaram Portugal a conquistar a medalha de bronze no BISFed 2017 Sevilha World Open, em Espanha, juntamente com o colega de seleção Manuel Cruz. Na fase de grupos, a equipa portuguesa começou por perder frente à Inglaterra (3-4), mas depois registou três vitórias consecutivas por 9-0, frente a Eslováquia, Alemanha e Grécia. Nas meias-finais, Portugal perdeu diante da Tailândia, mas superiorizou-se de novo à Inglaterra (7-1) no jogo de atribuição do terceiro e quarto lugares. O BISFed 2017 Sevilha World Open funcionou como etapa de preparação para os Jogos Paralímpicos de Tóquio, que se realizam em agosto e setembro de 2020.






DELTA
CAFÉS
O CAFÉ DA SUA VIDA
PROVADO COM DISTINÇÃO.
Produzir um café de qualidade dá muito trabalho, mas também dá prémios. E a prova está aqui: a Delta voltou a ser distinguida com os prémios "Marca de Confiança" (16º ano consecutivo), "Escolha do Consumidor" (5º ano consecutivo) e "Prémio 5 Estrelas" (3º ano consecutivo). Obrigado pela sua preferência e continue a saborear a vida na nossa companhia, com distinção.
MARCA PREMIADA POR
ESCOLHA CONSUMIDOR
'17
votado pelos leitores
MARCA DE CONFIANÇA
2017
Selecções do Reader's Digest
PRÉMIO
CINCO ESTRELAS
2017


18 71
Fonte de Portugal
PEDRAS
SALGADAS
ÁGUA MINERAL NATURAL GASOCARBÓNICA
GÁS 100% NATURAL
RICA EM MINERAIS
100% NATURAL
Pedras é uma água mineral intensamente fresca, com uma textura leve, que te faz sentir bem para ires mais longe, atrás do que te move e te apaixona.
Deixa o melhor de ti vir ao de cima.


DRAGÃO
ESTÁDIO
O AMOR
DE SEMPRE,
NO LUGAR
DO COSTUME.
5 603128 111129 08
ESCLARECIMENTOS ATRAVÉS DE:
lugar.anual@fcporto.pt ou linha Dragão 225 083 352
2017 - 2018
LUGAR
ANUAL
DRAGON SEAT